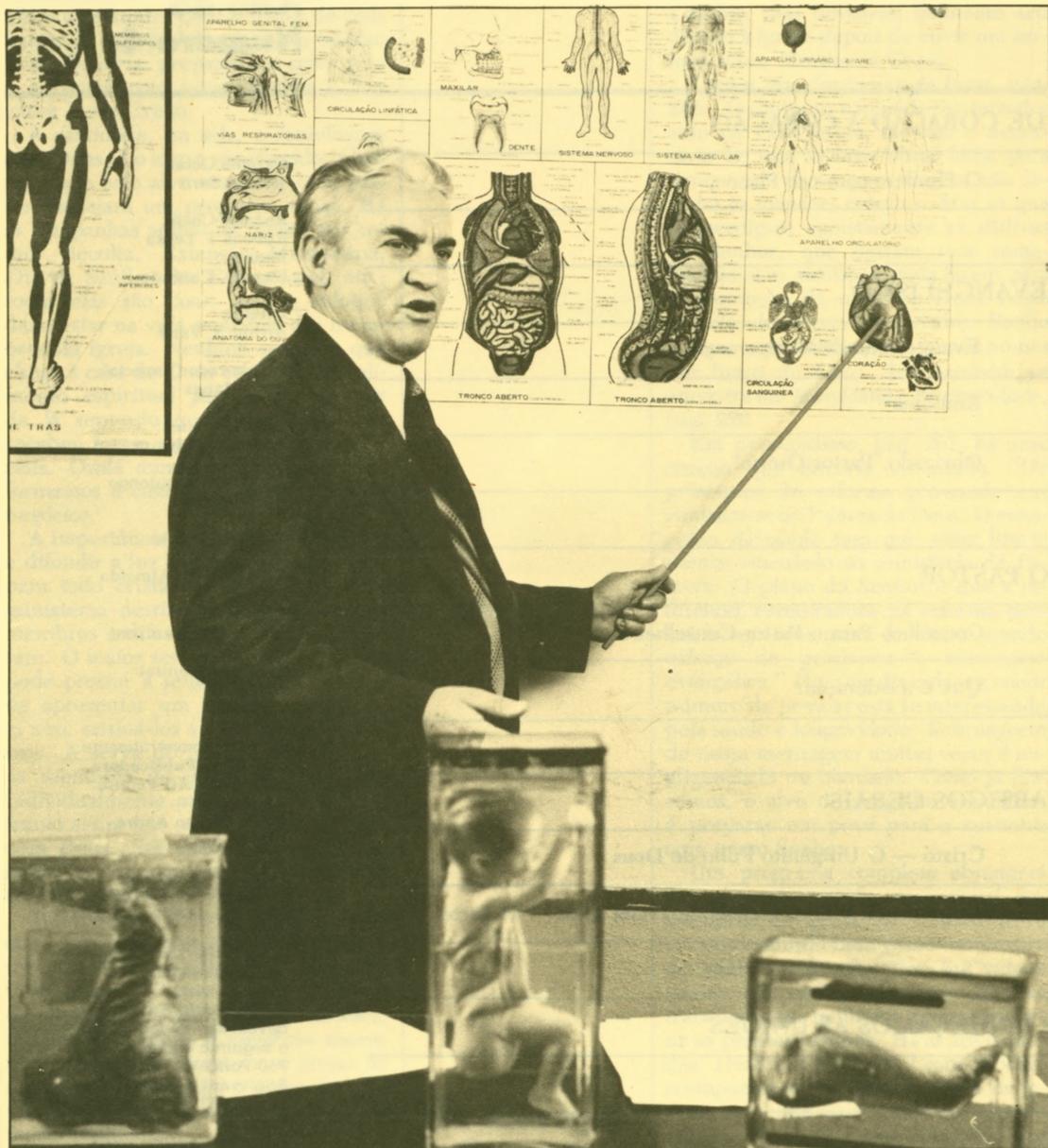


Jul/Ago 79





Jul/Ago 79
Ano 45
Número 4

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

O Homem com um Plano 3

EVANGELISMO

Evangelismo de Temperança 4

Koinonia 6

Obrigado, Pastor Osório! 9

O PASTOR

Conselhos Para o Pastor-Conselheiro 11

Que é a Adoração? 15

ARTIGOS GERAIS

Cristo — O Unigênito Filho de Deus 18

Arqueologia Bíblica Depois de Trinta Anos — 1ª Parte 20

“Sei em Quem Tenho Crido” 23

CONHEÇAMOS AS UNIÕES

União Chilena 24

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Salim Japas

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Kohler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Eli Silveira Campos

Assinatura anual:
Cr\$ 96,00
US\$ 1,00

Editado bimestralmente
pela Casa Publicadora
Brasileira, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista achá-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
deve ser enviados para
o seguinte endereço:
760 Ponce de Leon
Boulevard, Coral Gables,
Florida 33134 U.S.A.

capa:
produção fotográfica: werner
fotografia: wilson

O Homem com um Plano

O homem que não tem nenhum plano, projeto ou objetivo em vista certamente chegará ao ponto de destino de "parte alguma"! Está em grande agitação, mas não realiza nada. Desenvolve intensa velocidade, mas todos o alcançam. Impele seu barco espiritual com os remos, mas ele se move em círculos. Quem nada tem em vista, nada alcançará. A questão diante de nós é a seguinte: Qual é o alvo de cada pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia? Eu diria: preparar um povo para o encontro com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A santidade, ou seja, a semelhança com Deus, é o alvo a ser atingido. Conservando este alvo em vista, todo pastor planejará um programa anual. Há as campanhas anuais da igreja, tais como: Recolta, Extensão Missionária, Dia da Saúde, Dia Educacional, etc.; todas elas são boas, mas o enfoque deve estar na vida espiritual dos membros da igreja. Nenhum membro que chega à casa de Deus com fome do alimento espiritual jamais deveria sair de lá sentindo que tudo o que ele recebeu foram alguns anúncios comerciais. Oxalá nunca se diga que transformamos a casa de Deus em casa de negócios

A importância de partilhar, propagar e difundir a luz espiritual é muito vital para todo cristão. A grande obra do ministério destina-se a ajudar nossos membros a difundir a luz que receberam. O maior serviço que um ministro pode prestar a seus membros não é o de apresentar um sermão eloqüente, e, sim, ensiná-los a trabalhar pelos outros. A serva do Senhor declara: "Se os membros da igreja não lançarem individualmente mão desta obra, mostrarão assim não estar em viva conexão com Deus. Seu nome está registrado como servos negligentes." — *Serviço Cristão*, pág. 87.

Todo pastor deveria procurar fazer com que cada membro pertencesse a um grupo organizado para atividades missionárias. Por exemplo, o grupo de visitação — para visitar vizinhos, membros da igreja e membros ausentes; o grupo de literatura; o grupo de testemunho pessoal; e o grupo do canto. Este é um programa que tem sido muito profícuo.

A mordomia cristã deve ser ensi-

A santidade, ou seja, a semelhança com Deus, é o alvo a ser atingido. Conservando este alvo em vista, todo pastor planejará um programa anual.

nada, não meramente como uma ordem, mas como uma bênção. Muitos que não são de nossa fé têm sido impressionados a ser fiéis em devolver ao Senhor o que Lhe pertence com referência ao dízimo, quando este assunto é apresentado corretamente. Lembrome muito bem de uma senhora abastada numa igreja de que fui pastor, a qual por um ano inteiro não frequentou a igreja, mas devolveu fielmente seu dízimo à igreja depois de ouvir um sermão sobre Mordomia Cristã.

Lemos em *Parábolas de Jesus*, pág. 266: "O dinheiro não pode ser introduzido na vida futura; ele não é necessário lá; mas as boas obras feitas para conquistar almas para Cristo, são levadas às mansões celestes. Mas os que desperdiçam egoistamente as dádivas do Senhor, que deixam seus semelhantes sem auxílio, e nada fazem para a promoção da obra de Deus neste mundo, desonram seu Criador. Roubo a Deus está escrito junto a seus nomes nos livros do Céu." Isto também se encontra em *Mordomia e Prosperidade*, pág. 220.

Em *Evangelismo*, pág. 261, há uma citação que deveria ser usada. "Os princípios da reforma pró-saúde encontram-se na Palavra de Deus. O evangelho da saúde tem que estar firmemente vinculado ao ministério da Palavra. O plano do Senhor é que a influência restauradora da reforma pró-saúde seja uma parte do último grande esforço de proclamar a mensagem evangélica." Hoje em dia cada vez maior número de pessoas está se interessando pela saúde e longevidade. Este aspecto de nossa mensagem muitas vezes é negligenciado ou olvidado. Como já dissemos, o alvo do pregador adventista é preparar um povo para o encontro com nosso Senhor.

Um programa completo abrangerá naturalmente a vida recreacional dos membros da igreja. O ministro deve ser um exemplo bem como um mestre de vida equilibrada. Por sua vida e ensino ele pode demonstrar que só trabalhar sem nenhuma recreação torna as pessoas estultas. Há as atividades dos Desbravadores, o Clube Social, acampamentos e excursões para os jovens — e tudo isso tem de ser promovido de viva voz e pelo exemplo. Ver *Obreiros Evangélicos*, pág. 240. Al-

**De Coração
a Coração**

guém disse com acerto: "Conquanto o povo de Deus não seja deste mundo, eles continuam a ser pessoas sociais." Cristo não encarou as reuniões sociais com desagrado. "As ovelhas e os cordeiros precisam ter a oportunidade de divertir-se." As reuniões sociais devem ser planejadas com tanto cuidado e regularidade como os cultos espirituais.

Permiti-me reiterar agora os princípios que devem governar o pastor com um plano para sua igreja:

1. Ele deve planejar uma breve campanha espiritual e dedicar tempo para sua realização: Recolta, Extensão Missionária ou campanhas educacionais, etc.

2. Ele deve conduzir seu rebanho a empenhos missionários, ensinando-os a trabalhar pelos outros. Todo membro deveria fazer parte de um grupo de atividade missionária.

3. Ele não deve deixar de inculcar a seus membros a importância da mor-

A importância de partilhar, propagar e difundir a luz espiritual é muito vital para todo cristão.

M. G. NEMBARD
Secretário de Campo

domia cristã. Ele mesmo deve ser um mordomo fiel.

4. A apresentação dos sinais do fim não deve ser negligenciada, porque nós mesmos podemos estar cumprindo a profecia.

5. A mensagem de saúde e seus princípios não deve ser passada por alto. O plano de Deus para Seu povo é que eles tenham saúde. Numerosas pessoas, mesmo entre nossos obreiros, estão morrendo prematuramente.

6. A vida social dos membros deve ser incentivada, especialmente a dos jovens. O pastor é o protetor de seu rebanho.

7. O lar cristão deveria ser um lar ideal em toda comunidade; portanto ele também precisa esforçar-se por salientar os princípios da vida cristã no lar. Torno a dizer que o lar cristão deveria ser o lar ideal em toda comunidade. ■■

Evangelismo de Temperança

A palavra "evangelismo", que tem sua origem no grego, significa "boas-novas". Por conseguinte, tudo aquilo que traz alívio e gozo ao ser humano através do evangelho é uma boa-nova que devemos dar ao mundo. Ellen G. White nos diz no livro *A Ciência do Bom Viver*, pág. 143: "Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: 'Segue-Me'." Cumpre salientar que "unicamente" os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito. A seguir é explicado quais eram os métodos que nosso Salvador empregava.

Este é o plano que aplicamos em nosso trabalho como obreiros de temperança. Fazemos tudo que é possível para satisfazer às necessidades de nosso próximo. Na época em que vivemos a humanidade clama por ajuda, tanto espiritual como física. Nosso propósito ao proporcionar-lhes ajuda não é

L. Marcel Abel
Diretor de
Temperança da
Divisão
Interamericana.

somente alcançar uma meta ou um alvo. Queremos demonstrar-lhes que estamos interessados em seu bem-estar porque este era o método de Cristo.

O primeiro passo que devemos dar para conseguir isto, é organizar uma classe de adiestramento na qual nossos membros possam ser preparados para enfrentar as necessidades da humanidade. Deve ser-lhes ensinado a fazer frente a uma emergência e a dar tratamentos simples. Ensine-se-lhes a organizar o Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar, nos arredores da igreja ou na comunidade, e a apresentá-lo às pessoas como um serviço da Igreja Adventista do Sétimo Dia para ajudar a vencer o hábito da bebida e o cigarro, não porque nosso principal interesse seja ganhar membros para a igreja, mas porque desejamos auxiliá-los a gozar boa saúde.

O Plano de Cinco Dias é uma arma poderosa para conquistar a confiança das pessoas. Alguns indivíduos só ficam conhecendo a Igreja Adventista por este meio. Quando notam o resultado desse plano, manifestam o desejo de

Evangelismo

conhecer mais acerca de nossos ensinamentos e se interessam em nosso programa. Então os convidamos a assistir a nossos serviços religiosos. No transcurso de nossa experiência temos visto que as pessoas compreendem que nosso plano não é um ardid para ganhar membros de igreja, mas um programa destinado a satisfazer suas necessidades físicas.

Também organizamos clubes de temperança, onde podemos reunir-nos com aqueles que estão a favor do programa de temperança. Convidamos a pessoas de todos os níveis sociais a assistir a conferências sobre a saúde, o álcool e o fumo. Realizamos essas reuniões em escolas e colégios, com a força policial, apresentando filmes e outros materiais relacionados com o abuso das drogas e de todos os produtos prejudiciais à saúde.

Em conexão com o Departamento de Saúde, oferecemos cursos de arte culinária para aqueles que abandonam o vício de fumar, e, como parte importante de nosso programa, os exortamos a evitarem o uso da carne. Tem sido comprovado que o consumo de carne está relacionado com os hábitos da bebida e de fumar, entre outros. No fim de cada Plano de Cinco Dias convidamos os que estão abandonando o cigarro para um jantar de confraternização no qual se servem somente alimentos de origem vegetal. Na maioria dos casos, os convidados manifestam seu agrado e seu desejo de obter esses alimentos vegetarianos. Falamos-lhes de nossas classes de arte culinária, e assim eles ficam conhecendo nossa reforma pró-saúde.

Tudo isso demonstra que estamos interessados em seu bem-estar físico. Em cada uma das reuniões distribuímos folhetos missionários e revistas de temperança, demonstrando assim que também nos interessamos profundamente em seu desenvolvimento espiritual.

Temos um novo programa denominado "Ajuda no Lar", que consiste em visitar as pessoas de casa em casa para ajudá-las, com a direção divina, a resolver alguns de seus problemas. Muitos têm sido beneficiados com esse programa.

Aplicamos os mesmos princípios utilizados por Jesus. Começamos por mos-

Todo pastor deveria procurar fazer com que cada membro pertencesse a um grupo organizado para atividades missionárias.

trar às pessoas que viemos com o propósito de ajudá-las a satisfazer suas necessidades. Às vezes o problema é um esposo bebedor ou fumante, etc. Então lhes apresentamos os filmes e os quadros que temos sobre o assunto, com alguns comentários, recomendando-lhes o grande Ajudador que sempre está disposto a socorrer-nos e pronto para atender-nos quando Lhe pedimos ajuda. Uma vez conseguida a confiança das pessoas, é fácil apresentar-lhes a Jesus, O qual tem o poder de livrar-nos e resgatar-nos, não somente das enfermidades físicas, mas também do pecado. A reação sempre tem sido favorável.

Um irmão efetuou em sua casa o Plano de Cinco Dias com uma só pessoa. Quando este homem obteve a vitória sobre o hábito de fumar, ficou tão admirado que perguntou: "Como isso pôde ocorrer?" Nosso irmão lhe explicou a parte que Cristo havia desempenhado para ajudá-lo a vencer. Foi assim que esse homem começou a interessar-se em nossas doutrinas e a freqüentar assiduamente as reuniões da igreja. Agora é um membro batizado da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Para manter a chama ardendo, também organizamos sociedades de temperança com membros não adventistas. Ao assistir a nossas reuniões e ver o interesse que temos em seu bem-estar, eles se convertem em fiéis obreiros pró-temperança antes mesmo de ser membros da igreja. Com o trabalho de reforço podemos ganhar muitas almas para o reino dos Céus. Recomendamos que todos os que abandonam o cigarro sejam convidados a assistir a campanhas evangelísticas, visto que seu exemplo pode ser benéfico aos que se acham escravizados pelo vício.

Em todos os nossos esforços para ganhar almas aplicamos os métodos de Cristo, porque são a chave do êxito. Concluirei com uma citação do livro *Serviço Cristão*, pág. 132: "Deveis primeiramente satisfazer as necessidades materiais dos necessitados, e aliviar suas necessidades e sofrimentos físicos, e depois encontrareis caminho franco ao seu coração, onde podereis plantar as boas sementes da virtude e da religião." ■

"Os que ocupam posições de confiança na obra de Deus, sempre devem ter em mente que estas posições envolvem grande responsabilidade. Correta realização da solene obra para este tempo e a salvação das almas que conosco de qualquer modo se associam, dependem em grande parte de nossa condição espiritual." — *Test. Para Ministros*, pág. 260.

Koinonia

1. *A primeira pergunta que queremos formular, é: Que significa KOINONIA?*

Resposta: Koinonia é uma palavra grega que tem diversos significados. Entre eles, o mais conhecido é "Comunhão". Mas também significa "grupo". Não um grupo qualquer. Trata-se de um grupo especial que se forma quando diversas pessoas recebem um presente em comum.

Ao receber esse presente que deve ser distribuído entre todas essas pessoas, imediatamente se agrupam e o conjunto permanece até ser entregue a parte correspondente a cada um. Esse grupo momentâneo, possuidor de um presente em comum, se chamava KOINONIA.

Os que aceitaram a Cristo como o Dom de Deus, segundo S. João 3:16, formaram um grupo e dessa maneira foi-se integrando a KOINONIA cristã que, mais tarde, ao crescer, passou a constituir a *Ekklesia* ou igreja cristã.

Além disso, no livro *Serviço Cristão*, pág. 34, há especificamente uma instrução acerca de que os jovens deveriam organizar-se em pequenos grupos para estudar a Bíblia, orar e fazer trabalho missionário. Reunimos toda essa informação e sobre essa base desenvolvemos um programa segundo o qual os jovens se organizam em pequenos grupos para proclamar o evangelho. A isto chamamos KOINONIA.

2. *Como se organizam as KOINONIAS?*

Resposta: Começa-se com um retiro espiritual. Todos os jovens de certa igreja são convidados a assistir a um retiro espiritual de fim-de-semana, que começa ao pôr do Sol da sexta-feira e dura até o meio dia do domingo. Nesse retiro são examinadas novamente todas as práticas da vida cristã e o que verdadeiramente significa viver com Cristo.

Começa-se determinando onde se assenta realmente o pecado e a atitude pecaminosa e como se desenvolve na mente das pessoas, para depois estudar, na Bíblia, a maneira de abandonar a mente inimiga, a fim de alcançar a mente de Cristo ou uma mente amiga que possa aceitar a vontade de Deus e também relacionar-se favoravelmente com as outras pessoas.

Nesse retiro espiritual, além de reiniciar a vida cristã total, os jovens aprendem

Entrevista do Pastor Carlos Aeschlimann com o Pastor Mário Veloso.

como partilhar a experiência obtida na comunhão com Deus e no estudo de Sua Palavra.

Depois se organizam os pequenos grupos e os jovens estão preparados para regressarem a suas igrejas com uma nova experiência cristã e com uma organização que lhes permitirá partilhar sua fé.

3. *Como trabalham depois as KOINONIAS na igreja?*

Resposta: O trabalho das KOINONIAS na igreja é semelhante ao trabalho das Unidades Evangelizadoras. Na realidade, não são outra coisa que Unidades Evangelizadoras de jovens. Com uma diferença: Este grupo de jovens, além de estar organizado por bairros, se reúne uma vez por semana na casa de um de seus integrantes.

O propósito dessa reunião é duplo. Em primeiro lugar, para estudar as Escrituras Sagradas e conhecer melhor seu conteúdo. Em segundo lugar, para partilhar a fé com pessoas não adventistas que são convidadas a essas reuniões. Ao estudar a Bíblia, vão tomando decisões. Deste modo as pessoas convidadas vão-se integrando pouco a pouco ao grupo para finalmente terminar decidindo-se por Cristo e unindo-se à igreja.

4. *Realizam as KOINONIAS algum outro trabalho além de estudar a Bíblia?*

Resposta: Sim, à medida que os jovens se vão conhecendo e procurando viver a vida cristã de modo mais eficaz, comprometem-se também a ajudar-se uns aos outros em todas as dificuldades que enfrentam diariamente, sejam elas de caráter espiritual ou não. Por exemplo, se um jovem, membro da KOINONIA, tem problemas no colégio onde estuda, quer seja por causa de seus estudos ou da observância do sábado, ou de qualquer outra natureza, a KOINONIA o ajuda a resolvê-los utilizando todos os meios que estejam a seu alcance. Se nenhum dos membros da KOINONIA pode contribuir para a solução do problema, todos eles buscarão alguma outra pessoa que proporcione uma ajuda real para a solução. Poderá ser também que algum deles esteja sem trabalho. Então toda a KOINONIA o ajuda a achar um emprego.

5. *Significa isso que a KOINONIA também se interessa nos problemas econômicos da igreja?*

Evangelismo

Resposta: Efetivamente, porque consideramos que a vida cristã abrange tudo, e não somente o que se relaciona com assuntos comumente considerados de caráter espiritual. Na realidade, a vida cristã compreende todo o ser em todos os aspectos da vida. Se um irmão está em dificuldade, os outros irmãos devem ajudá-lo em tudo que seja possível. Deste modo se estabelece uma unidade, uma comunhão, uma harmonia cristã no grupo, e a prática da religião se transforma em algo muito agradável.

Talvez suceda também que outros irmãos da igreja enfrentem dificuldades. Por exemplo, que alguém fique doente. Se uma irmã adoce e não consegue resolver os problemas suscitados na família porque o esposo tem que sair a trabalhar e ela não pode cuidar da casa e dos filhos, então alguma KOINONIA toma isso como oportunidade para prestar ajuda e seus membros socorrem a família que está em dificuldade por todo o tempo que durar o problema. Se a KOINONIA, por si mesma, não pode resolver todas as coisas, procura outras pessoas que também colaborem. Assim, além de pregar o evangelho aos que não são adventistas, ajudam os adventistas nas dificuldades que enfrentam, para que a vida cristã seja prática e real.

6. *A KOINONIA parece ser, portanto, algo mais que um plano de trabalho missionário. Como definiria o programa da KOINONIA?*

Resposta: Eu o definiria como um modo de vida. O modo cristão de viver praticado pelos primeiros crentes adventistas. Creio que é a única maneira de viver que nos ajudará em nosso esforço para envolver os jovens na obra da igreja. Eles têm um modo de pensar, muito próprio da juventude desta época, que em diversos sentidos é bem mais autêntico, demandando, portanto, uma expressão cristã muito mais real. Esta era a maneira de viver dos cristãos do primeiro século, e nós também devemos viver assim. É claro que somos os cristãos do último século. Sabemos que nosso Senhor Jesus virá em breve, e devemos preparar-nos de tal maneira que estejamos prontos para recebê-Lo. Os cristãos do primeiro século tinham em mente o regresso de Cristo e se preparavam para ele. A maneira de se prepararem era levar uma vida cristã eficaz e comunicar constantemente a fé. Por isso puderam levar o evangelho a todo o mundo conhecido em sua geração.

7. *Há algum outro tipo de organização nas KOINONIAS?*

Como definiria o programa da KOINONIA?

RESPOSTA: Eu o definiria como um modo de vida. O modo cristão de viver praticado pelos primeiros crentes adventistas.

Resposta: Sim. Temos dois tipos de KOINONIAS. Um a que chamamos "KOINONIA DE COORDENAÇÃO", e outro que denominamos "KOINONIA DE BASE". Esta última tem de 4 a 12 membros. Nunca deve ter mais de doze membros. Se exceder essa quantidade, a KOINONIA deve dividir-se em duas. Seguimos o exemplo de Cristo quando formou Seu grupo apostólico: Chamou primeiro a quatro, pois os primeiros componentes do grupo apostólico foram quatro. Esse grupo foi crescendo até que chegou a doze. Aí se deteve seu crescimento, isto é, Cristo não acrescentou nenhum discípulo ao número de doze. Tomando esse número como base, organizamos KOINONIAS com quatro a doze membros. Cada KOINONIA vai crescendo, ao conquistar novos membros como resultado de seu trabalho missionário interno e externo. Quando se incorpora o número 13, a KOINONIA se divide em duas.

A KOINONIA DE COORDENAÇÃO é formada por um membro de cada KOINONIA. Também fazem parte dessa KOINONIA DE COORDENAÇÃO: o pastor da igreja, o diretor de atividades leigas da igreja, o diretor da Escola Sabatina dos juvenis (se houver), e o diretor dos jovens da igreja. Eles constituem a comissão coordenadora de todo o trabalho das KOINONIAS.

8. *Outra pergunta: Não surgem dificuldades de relação entre as KOINONIAS, a comissão da igreja e os outros departamentos da igreja?*

Resposta: Não surgem tais dificuldades porque ao organizarem-se as KOINONIAS os jovens receberam instruções sobre como devem relacionar-se com os dirigentes da igreja.

O princípio é que as KOINONIAS não têm direção própria e só se lhes dá um tipo de organização para que funcionem bem. Na realidade, porém, a direção corresponde à comissão da igreja. Por isso as KOINONIAS obedecem em tudo à comissão da igreja, ao pastor e aos diretores dos departamentos da igreja.

Os membros da KOINONIA são os soldados do exército. Os oficiais e os generais são os que elegem a comissão de nomeações da igreja. É certo que cada KOINONIA tem um diretor e um coordenador. O coordenador é membro da KOINONIA DE COORDENAÇÃO, e o diretor é o que dirige as atividades de cada KOINONIA. Não obstante, ele não dirige realmente, nem tampouco dirige a KOINONIA DE COORDENAÇÃO. Quem dirige são

os membros da comissão da igreja e as KOINONIAS aceitam todas as suas indicações.

Baseadas nesse critério, quando a igreja não tem nenhum programa missionário, a KOINONIA DE COORDENAÇÃO e cada KOINONIA em particular estabelecem planos de atividade missionária nos quais cada KOINONIA esteja envolvida. No entanto, quando o diretor de atividades leigas da igreja apresenta um plano de trabalho missionário, a KOINONIA o aceita imediatamente, embora tenha que abandonar o seu próprio plano.

Pode suceder também que alguma KOINONIA realize sua reunião semanal numa hora em que a igreja não tenha nenhuma atividade, mas se ela resolvesse estabelecer alguma atividade nessa hora, a KOINONIA imediatamente modificaria seu próprio horário. Reunir-se-ia noutro dia e deixaria todos os seus membros livres para assistirem à reunião ou à atividade que a igreja programasse para essa hora.

Todos os programas da igreja e as atividades que os oficiais da igreja queiram desenvolver têm prioridade absoluta no plano das KOINONIAS.

9. *Têm as KOINONIAS alguns princípios que cada um dos membros deve seguir constantemente?*

Resposta: Sim. Em geral, todos os princípios da Igreja Adventista são os princípios dos membros das KOINONIAS pelo próprio fato de serem membros da igreja. Mas, especificamente, os membros das KOINONIAS têm cinco pontos que adotam como obrigação e cumprem voluntariamente. São os seguintes:

- 1) Ler a Bíblia todos os dias.
- 2) Orar "sem cessar", segundo o plano bíblico.
- 3) Participar de todos os projetos da KOINONIA.
- 4) Obedecer.
- 5) Não criticar.

Estabelecemos estes princípios porque são essenciais para o bom funcionamento das KOINONIAS. Em primeiro lugar, consideramos que não se pode dar o que não se tem, por isso precisamos ler a Bíblia. Ademais, a vida cristã é uma experiência que deve ser partilhada, e é impossível alcançar esta experiência sem constante comunhão com Deus. A isto devemos acrescentar que vivemos numa época em que a desobediência está na própria base da sociedade e constitui um modo de vida imperante em todo o mundo, especialmente entre a geração jovem. Com efeito, este é um dos sinais da volta de Cristo. Segundo S. Paulo, os fi-

A reunião semanal é a base do crescimento espiritual do grupo e também do trabalho missionário do grupo, porque se realiza na casa de um de seus componentes e no bairro onde vivem todos eles.

hos seriam desobedientes aos pais. Os jovens adventistas têm chegado à conclusão de que eles não podem cumprir esta profecia. Pelo contrário, visto que se estão preparando para a volta de Cristo, têm que levar uma vida totalmente distinta da que levam os que cumprem a profecia da desobediência. Portanto, eles devem obedecer: aos pais, aos dirigentes da igreja e aos que exercem autoridade sobre eles. As KOINONIAS têm como princípio que cada um de seus membros deve obedecer.

Também tem sido levado em conta o assunto da crítica. É fácil criticar as atitudes e ações de outras pessoas. Também é fácil que surjam críticas aos dirigentes da igreja, quer no âmbito local, quer em outros níveis. É princípio das KOINONIAS excluir toda crítica. Outrossim, a KOINONIA aceita como oportunidade de trabalho as críticas que ouve na igreja. Se os seus membros notam que se critica algo mal feito na igreja, contribuirão para que isso seja endireitado, sendo assim eliminada a causa da crítica. Deste modo, tudo que se tornar objeto de crítica é considerado pela KOINONIA como possibilidade e projeto de trabalho. Se se critica a conduta de alguma pessoa, a KOINONIA se acerca dessa pessoa para ajudá-la, para orientá-la, para que faça parte do grupo, para que sinta que a igreja a ama e possa retornar a uma vida completamente cristã, simplesmente pela atração exercida por um grupo que expressa amor, simpatia e afeto cristão.

10. *Que fazem as KOINONIAS nas reuniões semanais?*

Resposta: Basicamente são reuniões para estudar a Bíblia. Trata-se de um estudo dinâmico. O diretor da KOINONIA reparte os textos entre os membros e então cada um deles, ao lê-lo, responde à pergunta que tem o estudo, aclarando o conteúdo do texto para que todos possam aprendê-lo. Depois compra sua própria vida com o conteúdo do texto e conta para o grupo se está vivendo o que o texto diz, ou não. Se pratica o que diz o texto, conta o que se passa com suas emoções, em sua mente, em sua vida, se sente felicidade ou não, e como isso o ajuda em sua vida. Se não está vivendo o conteúdo do texto, também conta o que se passa em suas emoções, como se sente psiquicamente por não o estar vivendo, e conclui com a decisão que toma diante do que leu no versículo. Depois chega a vez de outra pessoa que lê seu texto da mesma maneira, e assim sucessivamente. Deste modo todos partilham sua experiência, chegam a co-

nhecer-se muito melhor e, quando se encontram, têm oportunidade de trocar idéias com os outros sobre suas lutas e vitórias na vida cristã.

Em relação com isto, mantém-se uma constante comunicação entre os membros da KOINONIA. Por exemplo, se alguém contou algo acerca de uma luta especial ou de um problema que está enfrentando, os outros se comunicarão com ele durante a semana para perguntar-lhe como vai, para saber se está solucionando o problema que expressou, ou vencendo na luta a que fez referência. Ao comunicar-se com ele, mesmo que seja por telefone, têm uns momentos de oração, pedindo que Deus continue a ajudá-lo para que obtenha a vitória definitiva.

A reunião semanal é a base do crescimento espiritual do grupo e também do trabalho missionário do grupo, porque se realiza na casa de um de seus componentes e no bairro onde vivem todos eles. Assim têm a possibilidade de convidar a seus vizinhos e vão evangelizando o bairro pouco a pouco.

A primeira missão dos membros da KOINONIA é evangelizar sua própria família, seus vizinhos e amigos, enfim, seu próprio bairro. Por último, também podem convidar a qualquer pessoa com quem se encontrem em qualquer de suas atividades e que haja ma-

Depois se organizam os pequenos grupos e os jovens estão preparados para regressarem a suas igrejas com uma nova experiência cristã e com uma organização que lhes permitirá partilhar sua fé.

nifestado interesse na Palavra de Deus ao conversarem com ela. Convidam-na, e juntos participam do estudo bíblico até que essa pessoa aceite finalmente o evangelho, ou o rejeite. Porque, na realidade, também ocorre que há pessoas que não têm interesse. De qualquer maneira, a KOINONIA lhes oferece uma oportunidade de conhecer o evangelho e de aceitá-lo.

11. Uma pergunta final. Quem é aceito como membro das KOINONIAS?

Resposta: Todos os jovens entre 15 e 35 anos. Naturalmente, se algum adulto deseja participar nesse programa de trabalho e assiste a um retiro espiritual, a porta não lhe é fechada. Basicamente, porém, essa atividade se desenvolve entre jovens das idades já mencionadas.

Entretanto, creio pessoalmente que esse tipo de trabalho seria perfeitamente apropriado não somente para os jovens, mas também para os adultos. Considero que todas as unidades evangelizadoras da igreja poderiam trabalhar usando este mesmo estilo: estudar a Bíblia em grupos, organizados por bairros, e pregar o evangelho aos vizinhos num ambiente de sincera comunhão espiritual onde se ensine a doutrina em estreita união com a vida, pois a vida de cada um constitui um testemunho cristão constante. ■

Obrigado, Pastor Osório!

No ano de 1974, a União Colombo-Venezuelana convidou o Pastor José Osório Braña para unir-se ao corpo de obreiros da União. Chegando à Colômbia em meados desse ano, dias depois ele se incorporou às tarefas da vinha do Senhor, sendo designado como evangelista da União Colombo-Venezuelana. O Pastor Osório veio da Espanha, e desde os primeiros momentos conquistou o apreço e carinho de todos os que tiveram o prazer de conhecê-lo. É um fino cavalheiro que se faz estimar.

Uma de suas primeiras atuações deus na cidade de Bogotá, capital da República da Colômbia, onde dirigiu uma

Raimundo Pardo Suárez
Diretor de Relações
Públicas da União
Colombo-
Venezuelana.

semana de Ênfase Espiritual, para a qual se providenciou o Teatro do Colégio Nacional de São Bartolomeu, prestigioso estabelecimento que deu altura à convenção, a qual terminou com uma cerimônia ante a presença de mais de 5.000 pessoas, no Coliseu de El Salitre, e resultou no batismo de 127 almas. O acontecimento foi difundido por todos os meios de comunicação. Os diários da capital — *El Tiempo*, *El Siglo* e *El Espectador* — publicaram em suas primeiras páginas grandes fotografias em que apareciam quatro pastores batizando numa piscina portátil instalada no Coliseu de El Salitre. Houve especial colaboração do Corpo de

Evangelismo

Bombeiros e de Autoridades. Foi um notável acontecimento que comoveu a capital da Colômbia.

Na cidade de Cali, capital do Departamento do Vale, pela primeira vez se usou na Colômbia o Auditório Móvel, onde foi apresentado o famoso Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar. Mais de mil pessoas abandonaram o vício. Em seguida ele dirigiu uma série de conferências em que foram batizadas mais de 500 almas. O impacto foi maravilhoso, e a cidade ficou profundamente impressionada, havendo um desdobramento informativo por parte dos meios de comunicação.

De Cali, ele se dirigiu para Caracas, capital da República da Venezuela, onde iniciou sua campanha com o Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar. O evangelismo tomou novo rumo nas duas Missões. O alvo era ali de 500 almas ao ano, e o evangelista Osório batizou 575 em poucas semanas, elevando assim o alvo para mil almas.

A cidade musical da Colômbia, Ibagué, também foi favorecida com a presença desse evangelista. Como preâmbulo, ele apresentou o Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar, e mais de 2.500 pessoas abandonaram o cigarro. O Auditório Móvel constitui uma novidade nessa cidade, e o destaque periódico foi notório. Foram batizadas mil almas e organizou-se uma igreja que funciona normalmente.

Depois ele se trasladou para Bucaramanga, a cidade dos parques. Apresentou o Plano de Cinco Dias Para Deixar de Fumar, e mais de três mil pessoas abandonaram o vício. O esforço evangelístico abalou a capital santandereana, o que ocasionou a excomunhão do evangelista com toda a sua equipe e das pessoas que assistiam às reuniões na tenda, por parte do bispo da diocese de Bucaramanga. Deus abençoou essa campanha, a qual deu como resultado 1.200 almas batizadas, com a continuidade, e se organizaram quatro novas igrejas que funcionam atualmente em forma normal.

De Bucaramanga ele regressou à cidade de Barranquilla, chamada "Porta de Ouro da Colômbia", por sua situação geográfica e por ocupar um lugar proeminente na Costa Atlântica. Também apresentou o Plano de Cinco Dias, e mais de duas mil pessoas abandonaram o vício do cigarro. Foram batizadas 325 almas e organizou-se uma nova igreja, com o nome de Maranata, que funciona normalmente.

O evangelista Osório Braña não se

Os métodos de trabalho do Pastor Osório são muito variados: sugere, informa, educa, cria e promove.

restringiu às campanhas com a tenda, mas dedicou-se à organização de escolas de evangelismo com os alunos do último ano de Teologia. Mais de sessenta estudantes passaram por suas maravilhosas experiências educativas. Realizou também em vários lugares da União, como secretário ministerial, trabalhos de preparação de materiais que impulsionaram o evangelismo em todos os distritos da União.

Em seus labores, o evangelista foi entrevistado em várias oportunidades pelas cadeias de rádio e televisão dos países da União. Na Colômbia ele visitou a Presidência da República, diversos Ministros, Governadores, Comandantes de Exército e Polícia, Prefeitos e outras Autoridades.

Agora que ele está prestes a deixar a União Colombo-Venezuelana, julgamos oportuno reconhecer o trabalho que realizou em favor da Colômbia e de outros países desta União, considerando que não somente os de dentro, mas também os que não são adventistas têm sido beneficiados com o impacto de seus temas. Mais de um quarto de milhão de pessoas passaram pelas seis campanhas que ele dirigiu na União Colombo-Venezuelana, e só Deus sabe o resultado final. 4.227 batismos e várias igrejas organizadas nos são deixados como testemunho de sua visita a esta União.

Os métodos de trabalho do Pastor Osório são muito variados: sugere, informa, educa, cria e promove. A série de conselhos sobre o lar, o bem-estar da família, a prevenção dos vícios e da delinqüência foi apresentada com exuberantes pormenores.

O evangelista Osório também visitou estabelecimentos educativos, centros sociais, clubes, etc., onde apresentou vários de seus temas, que deixaram agradáveis recordações e bons ensinamentos. Foi convidado a participar de diversos simpósios, mesas-redondas, seminários e conferências que fazem parte de sua metodologia.

Creio ser justo que este servidor, o qual foi um de seus colaboradores mais próximos e conquistou experiências de anos de intensa utilidade, lhe diga através deste meio de comunicação: **MUITO OBRIGADO POR SUA AJUDA!** Que o Pastor Osório Braña, ao deixar a Colômbia, continue sendo usado pela Providência Divina na vinha do Senhor, e que sua ausência não se prolongue por muito tempo. **ADEUS, E BOA SORTE!** ■

Conselhos Para o Pastor-Conselheiro

Introdução

Uma das principais tarefas do ministro é tratar com as pessoas. Isto implica em grande medida ajudá-las a lidar com seus problemas pessoais. De uma forma ou outra, as pessoas esperam que seu pastor as ajude nesses problemas, quer seja pelo ensino e pela pregação dentro do templo, ou com suas visitas pastorais no lar ou no escritório. Um número mais reduzido de membros, sentindo a pressão dos problemas, procurará diretamente o pastor para solicitar seu conselho na situação.

Quer o pastor descubra o problema por sua observação durante as visitas, quer a pessoa busque por si mesma o conselho do pastor, o ponto mais difícil na tarefa do ministro é manter-se dentro dos limites que proporcionarão a maior ajuda ao paciente; limite este que constitui a tênue linha entre o aconselhar outra pessoa e o imiscuir-se em sua vida.

Acessibilidade

Isto quer dizer que o ministro pode ser encontrado quando se necessita dele. As pessoas devem saber que o pastor sempre tem de ter tempo para atendê-las. Realmente, o pastor está sempre pronto a tratar com elas.

Isto não somente se relaciona com as horas de trabalho no escritório, mas tem que ver também com a disposição do pastor-conselheiro para abordar o assunto e o problema. Devido à quantidade de trabalho que se requer do pastor, ele não pode desperdiçar seu tempo em longos preâmbulos sociais em cada entrevista, sem que isto queira dizer que deva deixar de lado a cortesia e o tato. Sobretudo, porém, as pessoas devem sentir e saber que podem dirigir-se a seu pastor e que ele estará pronto nesse momento para ouvir o problema, por mais desarrazoado que seja.

Por outro lado é difícil de manter uma comunicação absolutamente sincera, livre de subterfúgios, evasivas e presunção. Logo que se torna perigosa, envolvemo-nos a nós mesmos, como navios de guerra numa cortina de fumo. Com uma pequena experiên-

Miguel Angel Mesías.

cia somos capazes de distinguir todos os diminutos sinais desses constantes movimentos de evasão, mesmo no caso de pessoas que chegam a nossas salas de conselhos com a sincera intenção de mostrar-se a si mesmas em suas verdadeiras cores. Mas é ainda mais valioso ver esses movimentos atuando em nós mesmos. Meus colegas amiúde me perguntam: "Que faz você para falar tão intimamente com todos?" Eu penso que a resposta é nunca permitirmos a nós mesmos sair pela tangente, quando a conversação dá indícios de penetrar nas profundezas; estar dispostos em todo o tempo a encarar qualquer problema, qualquer pergunta, mesmo que seja indiscreta.

Certamente o pastor não poderá resolver todos os problemas, mas em todo tempo ele deve ser acessível às pessoas que precisam de sua ajuda. Só o fato de mostrar boa vontade para ouvir um problema faz com que o indivíduo se sinta melhor e mais seguro.

Aceitação

Aprovar ou desaprovar o problema, a reação à pessoa, é imiscuir-se. A relação correta é uma relação de aceitação. Isto não significa estar de acordo com a reação da pessoa, nem transigir com o pecado no caso de que esteja presente, e muito menos desprezar as convicções básicas do conselheiro para concordar com as opiniões do aconselhado. Significa que se recebe e se aprecia a pessoa tal qual é, com seus problemas e tudo. "O aconselhado precisa sentir que é entendido e aceito, para que tenha liberdade para comunicar-se. Isto é muito diferente de aprovar ou desaprovar." Esta aceitação deve ser comunicada à pessoa, não tanto verbalmente como pela própria atitude do pastor para com ela.

Não é fácil aceitar as pessoas com problemas. A própria pessoa sente, até certo ponto, hostilidade para com o indivíduo que pode ajudá-la. O egoísmo intrínseco em cada ser humano faz com que se rebele contra a idéia de ter que reconhecer seu fracasso. Isto se reflete no conselheiro, e a hostilidade desperta nele uma reação negativa. Por

isso Wise disse: "A aceitação está baseada num afeto maduro (agape) pelas pessoas. Essa atitude conduz a uma relação de aconselhamento criativo." (Parêntesis no original.)

Estabeleça a confiança. — Este é o primeiro passo. Nada se pode fazer até que a confiança se tenha estabelecido. Enquanto não houver confiança entre o conselheiro e o aconselhado, sua conversação será um tanto superficial, e o problema não será enfrentado, ou será diluído com evasivas. Uma pessoa não pode comunicar os aspectos mais profundos e internos de sua vida se não tiver um sentimento de segurança, confiança e fé na outra pessoa. Isto com freqüência é chamado de *rapport* (harmonia de relação).

Ao estabelecer essa confiança, o conselheiro está aceitando a pessoa, não porque esteja de acordo com sua maneira de pensar ou reagir, mas porque entende ou compreende que ela precisa de apoio e ajuda num mundo que do seu ponto de vista desaba sobre ela.

Numa boa situação, o aconselhado deveria sentir que o conselheiro não irá golpeá-lo de novo. O aconselhado deveria sentir que pode falar com completa confiança. Mais ainda, ele deveria sentir que pode falar de assuntos que geralmente não se discutem em reuniões de cortesia. O líder da igreja diz com efeito: "Você pode falar acerca de qualquer coisa que deseja, não importa quão má ou vulgar pareça ser."

Por certo, aqui entra em jogo o sistema de valores religiosos do conselheiro. Antes, porém, de condenar o pecado e o mal com um sistema dogmático, como faz a grande maioria das religiões, o evangelho ajuda as pessoas a se desfazerem desse mal. Cristo foi o supremo exemplo de aceitar as pessoas sem transigir com sua situação pecaminosa.

O conselheiro aprende a estimar e apreciar as pessoas sem condená-las unicamente por meio da religião verdadeira. É o caminho do entendimento de "objetividade não preconcebida"; é o da "empatia". A habilidade de "não julgar" é a vertente entre a religião verdadeira e a religião egoísta. Isto é ilustrado supremamente quando Aquelle que enunciou esse mandamento foi o mesmo que disse: "Nem Eu tampouco te condeno".

Ouçá com atenção. — Dentro do processo de aconselhar, esta pode ser a parte mais importante. A grande maioria de eruditos na matéria dá ênfase à importância de ouvir. Os livros de psicologia em geral e de psicologia pas-

A pregação é para o púlpito, e a sala de conselhos, o escritório do pastor, o domicílio ou qualquer outro lugar onde ocorra a entrevista não é um púlpito.

toral têm capítulos inteiros dedicados a este aspecto do processo, e pode-se encontrar muito material a respeito. Cumpre, no entanto, destacar duas fa-cetas do assunto que resumem em grande parte todo o processo, ao qual Drakeford chama de "A Arte de Ouvir as Pessoas".

Ouçá as palavras. — Deixe que o paciente fale, e que fale como quiser. Todas as perguntas ou intervenções do conselheiro devem tender a aclarar o assunto, mas não desviar o fio da conversação, e muito menos cortar o impulso que tem a pessoa que está falando. O bom conselheiro deve aprender a ouvir. Não é fácil ouvir, mas é possível fazê-lo. Para isso é necessário aprender a estar atento e em silêncio.

"O silêncio é importante ao ouvir. As pessoas amiúde desejam sentar-se e pensar em presença de outra pessoa. O bom escutador se disciplina nessas situações e aprende a discernir as ocasiões em que deve permitir que as pessoas somente pensem em sua presença."

Interprete o sentimento. — É importante ouvir as palavras, porém ainda mais importante é interpretar o sentimento. Uma frase pode indicar que a solução está a caminho, ou pode denotar que o aconselhado está demonstrando hostilidade, quer ao próprio conselheiro ou a outra pessoa, ou mesmo que ele não quer continuar a falar porque o conselheiro procurou imiscuir-se onde não foi chamado.

Por isso é importante interpretar o sentimento.

O conselheiro aprende muito do que as palavras significam quando observa a pessoa: a expressão do rosto, os movimentos com as mãos, o tom da voz de maneira geral. Esta observação não consiste em estudar minuciosamente a pessoa, e, sim, em permitir que casualmente o problema ou a carga total da pessoa se registre, como ocorre com os sentimentos que estão sendo expressos.

Wise chama a isso de "mutualidade", o que quer dizer "que o conselheiro deve estar constantemente com a pessoa, em seus sentimentos e atitudes. Ele não deve estar adiante nem atrás dela. Deve procurar responder no nível do sentimento que o aconselhado está expressando."

Guarde as confidências. — Isto é muito importante, tanto para o êxito do processo de aconselhar as pessoas como para o futuro do próprio ministro. Propalar o que lhe foi contado em particular prejudicará grandemente seu ministério. Por isso é indispensável

que o pastor saiba guardar segredos. "Sendo chamado para constantes discursos públicos de uma ou outra espécie, amiúde com pouca ou nenhuma oportunidade para preparação adequada, o pastor pode permitir que a pressão das circunstâncias faça com que recorra a sua mais recente conversação particular como fonte de idéias, se não de ilustrações." Por conseguinte, o pastor deve conscientemente esforçar-se por evitar isso. A mente é muito ágil, e qualquer alusão, por mais velada que seja, aguçar o pensamento das pessoas, e correta ou incorretamente, o que é mais danoso, elas procurarão imaginar quem é o indivíduo envolvido e o assunto em que se pôs.

Expor em público o que se ouviu em particular é pecado sério para o conselheiro, a menos que obteve permissão antecipada. Mesmo que seja feito com a melhor das intenções ou para servir de lição para outros com problemas similares, pode causar mais dano do que se imagina.

Oates sugere que quando o pastor sente que seria de muito proveito usar determinada situação para expô-la em público, tal ministro deveria obter primeiro a permissão das pessoas envolvidas, para fazê-lo.

Ajuda

Mencionar o vocábulo "ajuda" traz à mente de muitas pessoas a idéia de fazer um trabalho para outro, ou melhor, em lugar de outrem. No caso em lide, isso é imiscuir-se e não ajudar.

Muitas vezes a melhor ajuda não é "fazer" algo, mas "decidir" algo. Principalmente da parte do aconselhado. O ato é a evidência do problema e também será a evidência da solução do problema.

Além disso, o propósito direto do processo de aconselhar não é primeiramente a mudança de conduta, e, sim, permitir que o indivíduo comunique ao conselheiro os problemas que enfrenta em sua vida, de tal maneira que ele mesmo possa chegar à compreensão deles e decidir por si mesmo quais as modificações que deseja fazer.

É muito bom que o pastor faça tudo o que estiver ao seu alcance para ajudar a seu cliente, mas não convém absolutamente que em seu afã em ajudar se imiscua na vida do paciente. A ajuda deve vir, e o cliente deve recebê-la, mas em nenhum caso deve ser-lhe imposta ou pressionada. Se ele aceita uma solução tão-somente pela pressão exercida sobre sua pessoa, não será uma ajuda permanente, e a situação final

Cristo foi o supremo exemplo de aceitar as pessoas sem transigir com sua situação pecaminosa.

será pior que a primeira. Por isso a ajuda deve ser sensata.

Conselho Sábio

Certamente há lugar para uma palavra de conselho no processo de aconselhar. Assim mesmo, porém, o conselho deve significar ajuda, e não que o conselheiro está-se imiscuindo na vida e decisão da pessoa.

Uma das partes mais difíceis é saber quando dar um conselho que seja de ajuda e constitua realmente um conselho.

As teorias psicológicas são intentos de derivar conceitos generalizados de aspectos específicos da experiência individual. Este processo tem certa validade e o conhecimento da psicologia é essencial para o conselheiro. Mas aconselhar é uma arte, não uma ciência. Deve basear-se no conhecimento científico. No entanto, aconselhar, em si mesmo, é sempre um processo de tratar com uma pessoa. É à pessoa que o conselheiro precisa entender num sentido profundamente emocional. Também necessita entender a espécie de relação que a pessoa estabelece com os outros. Diagnose em termos de "complexo" ou "mecanismo" não é compreensão. Analisar as pessoas para elas mesmas em termos de psicologia não é ser bom aconselhador. Aqui o teólogo e o psicólogo têm cometido freqüentemente o mesmo erro, supondo que analisar as pessoas para elas mesmas em termos de abstrações teológicas ou psicológicas pode ser benéfico...

O pastor precisa conhecer psicologia, psiquiatria e teologia. Mas também precisa desenvolver uma maneira de pensar e sentir acerca das pessoas, que o torne sensível aos aspectos mais profundos da comunicação pessoal delas.

O Que Não é Conselho

Olhemos primeiro do ponto de vista negativo, ou seja, o que não é um conselho.

Sentenciar. — Devido a sua posição, em mais de um sentido superior à do membro, o pastor se vê tentado a sentenciar. Depois de ouvir um pouco, o pastor julga saber o suficiente, e sentença: "Seu problema é isto e aquilo. A solução é: um, dois e três; até logo." O pobre membro retira-se assustado; e é muito duvidoso que volte outra vez. O pastor não o ajudou, mas imiscuiu-se em sua vida.

Pregar. — Outra tendência para o conselheiro é a tentação de pregar. Quando ele nota que algo do que disse

o aconselhado está em oposição a suas convicções pessoais, julga ter o direito de fazer-lhe seu bom sermão de três pontos e conclusão, e até lhe lança um desafio. Mas isso não é aconselhar. Não que o pastor tenha de deixar de lado sua fé religiosa, nem atirar ao solo suas convicções básicas e níveis morais, e, sim, que acima de suas convicções contra tal e tal coisa, está a pessoa que veio buscar ajuda para seu problema, e não mais um sermão. Se o seu propósito fosse este, iria a algum templo durante a hora de cultos regulares; mas o fato de dirigir-se ao escritório do pastor para falar pessoalmente com ele implica uma profundidade na situação à qual devemos chegar para ajudá-lo.

A pregação é para o púlpito, e a sala de conselhos, o escritório do pastor, o domicílio ou qualquer outro lugar onde ocorra a entrevista não é um púlpito. Gouloze diz que o ministro "deve sobrepor-se a seu complexo de pregar".

"A pergunta de como Deus trabalha na personalidade deve ser respondida pela própria pessoa. A única resposta sincera é a nossa mesma, e não a de outrem."

Criticar. — Outra vez entra em jogo o nível de valores do conselheiro. Quando há algo que, segundo sua maneira de pensar, é incorreto, o conselheiro diz: "Mas, como lhe ocorre fazer ou dizer tal coisa? Isto e aquilo é a pior coisa que poderia haver feito, pensado ou dito." Ante tal crítica, o membro primeiro fecha as outras portas de seu ser interior e sente então que o pastor está-se imiscuindo em sua vida.

Moralizar. — Rollo May expõe esta parte claramente ao dizer: "É necessário dar ênfase ao princípio de que o problema do aconselhado deve ser abordado como um assunto de saúde mental, e não de moralidade. Então ambos — o conselheiro e o aconselhado — serão capazes de encará-lo objetivamente, com um mínimo de excessiva delicadeza ou prudência de entremeio. Pondo de lado o superficial, o moralismo imediato, eles estarão em condições de chegar mais perto do alvo de uma verdadeira moralidade que perdure."

Isto tampouco quer dizer que o pastor estará de acordo com a imoralidade, e, sim, que aceita a pessoa com problemas exatamente como tal e como necessitando de ajuda. Ao moralizar, o pastor está dizendo: "Há um abismo entre você e eu, e enquanto você não subir até onde eu estou, não podemos

Não é fácil aceitar a pessoas com problemas. A própria pessoa sente, até certo ponto, hostilidade para com o indivíduo que pode ajudá-la.

falar." Tal atitude é imiscuir-se, e não ajudar, nem tampouco dar conselho.

O que é o Conselho

Encarando-o agora do ponto de vista positivo, vejamos que é um conselho sábio.

Demonstrar confiança na pessoa. — Aconselhar não é um processo mecânico, "mas uma relação na qual duas pessoas se concentram em elucidar os sentimentos e problemas de uma delas, e concordam que é isto que estão procurando fazer."

O conselho sábio é uma demonstração de confiança no homem, de fé nas capacidades do indivíduo para sobrepor-se aos fracassos e levantar-se das quedas. Isto não se dá quando o conselheiro diz: "Isto ou aquilo é o mal que tem de ser corrigido." Tal "conselho" é imiscuir-se.

"Há uma verdadeira situação de aconselhar quando um membro reconhece que algo está mal, sente que em alguma medida isso está dentro dele mesmo, e está convencido de que uma pessoa profissional pode ser capaz de ajudá-lo no problema, fazendo com que o elucidar dentro de si mesmo. O critério do aconselhar jaz, portanto, não na intenção e atitude do pastor, mas na boa disposição e necessidade do membro."

As frases de conselho que sejam dadas e que demonstrem sincera confiança na pessoa e suas capacidades muito contribuirão para ajudá-la.

Guiar a pessoa a olhar aos aspectos positivos. — Muito de nossa vida, como sugere Tourmier, está voltado a evitar erros. Supõe-se que quem comete erros é inferior e que o homem ideal é o que jamais cometeu o menor erro. Por isso, quando alguém comete erros e se mete assim em problemas, a tendência é obrigá-lo a amolgar-se contemplando a enormidade do erro cometido. Mas o conselho sábio não consiste em assinalar erros, e, sim, em fazer com que as pessoas os reconheçam e olhem então para os aspectos positivos da vida. O plano de vida não deve ser evitar erros, mas fazer algo positivo. Tourmier disse que pensar que evitar erros é o principal, dá ao homem uma perspectiva incorreta, contrária ao evangelho, o qual fala de dar fruto ou cultivar nossos talentos.

Se o pastor pode conseguir que a pessoa comece a pensar positivamente e a olhar para o que é positivo, estará em condições de ajudá-la sem imiscuir-se em sua vida.

Colocá-la diante das alternativas e deixar que decida. — Finalmente, o ministro deve indicar ou assinalar as alternativas que se apresentam ou podem apresentar-se diante da pessoa. Isto não quer dizer que o pastor lhe indica o que tem que fazer, e, sim, que indica ao membro e o ajuda a ver os diversos modos de ação que pode tomar, ajudando-o também a examiná-los e a avaliar suas vantagens e desvantagens.

Amiúde a condição das coisas pode requerer que o pastor assinale “outra possibilidade” e que esta seja uma combinação das vantagens das outras alternativas.

Em qualquer caso, o ministro deve deixar que a solução seja a do paciente ou membro. É este quem deve resolver seu próprio problema.

Isto é um conselho sábio; não consiste em dizer à pessoa o que deve fazer, mas em colocá-la diante do que pode fazer e deixar que decida por si mesma usando suas próprias potencialidades e capacidades.

Antes, porém, de condenar o pecado e o mal com um sistema dogmático, como faz a grande maioria das religiões, o evangelho ajuda as pessoas a se desfazerem desse mal.

Conclusão

Imiscuir-se é um dos mais sérios perigos e uma das tentações mais poderosas no ministério do pastor. A linha delgada que separa o verdadeiro conselho do ato de imiscuir-se pode ser transposta com suma facilidade.

Por essa razão, o pastor, chamado a intervir em problemas de toda índole e em todo tempo, deve aprender a manter-se do lado correto; isto é, proporcionando toda a ajuda possível, mas sem imiscuir-se na vida ou nas decisões da pessoa que busca sua ajuda.

Aprendendo a ser acessível; a aceitar a pessoa tal qual é; avaliando o problema na magnitude em que se apresenta para a pessoa atingida por ele; estando pronto a proporcionar a ajuda sensata no momento oportuno e sendo capaz de dar um conselho sábio em todo o sentido, o pastor poderá prestar a seu povo incalculável ajuda, que acima de tudo também seja permanente, sem imiscuir-se na vida e nas decisões deles. — Publicado em *Diálogo Teológico*, Nº 1, 1973, Casa Batista de Publicações, págs. 69-76. ■

Que é a Adoração?

Assim como muitas outras experiências profundas que representam uma parte da existência, não é nada fácil definir com exatidão o que é a adoração.

Os lexicólogos definem esse termo como “a ação de reverenciar um ser com a máxima honra, considerando-o como ente divino; reverenciar e honrar a Deus com o culto religioso que Lhe é devido.” À luz desta declaração, nos damos conta de que a adoração é um ato no qual toma parte uma pessoa que a oferece e outra que a recebe. No caso concernente a nós, é o homem quem reverencia e honra a Deus mediante a cerimônia religiosa que só Ele merece. Esta cerimônia não é meramente um ritual nem um simples formalismo.

“A adoração — dizia V. D. Campbell — é o coração da vida e a obra de uma igreja; constitui o principal recurso e a inspiração sob a qual se projeta todo o seu programa. Nela, Deus Se torna real e os valores de Seu reino passam a ser supremos. Por conseguinte, a qualidade da adoração influirá,

Demétrio
Olaciregui.

mais que qualquer outra coisa, sobre o desenvolvimento e o ambiente espiritual da igreja.”

W. T. Conner acrescenta: “A primeira ocupação da igreja não é a evangelização, nem as missões, nem a beneficência, é a adoração.” Disso se despreende que todas as funções da igreja, não importando o lugar em que sejam colocadas, devem girar em torno da adoração, pois esta constitui o coração da vida e a obra da igreja. Se não fosse assim, as atividades da igreja se transformariam em mero formalismo sem nenhum poder nem significado. A adoração genuína é a que corrobora a consciência por meio da santidade, a que nutre a mente com a verdade e purifica a imaginação por meio da formosura. É a que abre o coração ao amor e faz com que a vontade se entregue ao propósito de Deus.

Se continuássemos as alegações iniciadas, seríamos conduzidos a definições pessoais, particulares e até unilaterais do que é adoração. Querendo dar um enfoque equilibrado a nosso

O Pastor

estudo, nos vemos obrigados a descrever objetivamente o que em seu sentido mais amplo significa a adoração.

A Adoração Como uma Relação

A verdadeira adoração é uma relação. Por seu intermédio a alma se vincula com seu Criador, servindo de nexo comunitário entre a criatura e o Criador, e unindo mediante estreitos laços o finito com o Infinito.

Na adoração Deus sai ao encontro do homem, anelando relacionar-se com ele. Ao encontrá-lo, ocorre a mais elevada realização da vida, o privilégio de comungar com Deus.

Para que esta relação se verifique, o coração do homem deve estar aberto à revelação divina. Clarice Bowman o ilustra dizendo: "Assim como o obturador de uma câmara fotográfica está aberto à luz que o rodeia, na adoração também abrimos nosso coração e vida a Deus, para que Ele, como agente ativo, possa imprimir Sua imagem sobre a película de nosso coração."

Essa relação promove a eliminação da escória e das manchas que podem existir na alma humana, ao apreciar a felicidade, a harmonia e o bem-estar produzidos pelo ato de estar em comunhão com Deus. A verdadeira adoração somente procede de um coração purificado de toda iniquidade.

Falando por intermédio de Sua serva, Deus nos diz: "Toda conversão verdadeira ao Senhor produz permanente gozo na vida. Quando um pecador se rende à influência do Espírito Santo, ele vê sua própria culpa e mácula em contraste com a santidade do grande Pesquisador dos corações. Mas não deve por causa disto entregar-se ao desespero; pois o seu perdão já está assegurado. Ele pode regozijar-se na certeza do perdão dos pecados, no amor de um perdoador Pai celestial. É a glória de Deus envolver os seres humanos pecadores arrependidos nos braços do Seu amor, ligar suas feridas, purificá-los do pecado e vesti-los com os vestidos da salvação." — *Profetas e Reis*, pág. 668.

Quando a alma é impelida por uma tal ação, é sentido um novo poder na igreja. A congregação torna-se mais consciente do verdadeiro espírito de adoração, e não somente estará mais ligada a Deus, mas uma nova relação unirá o grupo. Verificar-se-á algo similar à experiência da igreja apostólica registrada em Atos 4:32 e 33, porque a verdadeira relação com nossos semelhantes é o resultado de nossa adorante relação com Deus.

A verdadeira adoração é uma relação. Por seu intermédio a alma se vincula com seu Criador, servindo de nexo comunitário entre a criatura e o Criador, e unindo mediante estreitos laços o finito com o Infinito.

A Adoração Como Reconhecimento

A verdadeira adoração é reconhecimento. Por seu intermédio se obtém um conceito correto do que é e representa Deus. Assim Ele é reverenciado e venerado em sumo grau por Sua santidade, dignidade, majestade e poder. E é exaltado, honrado e enaltecido por ser "o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, O qual tem o nome de Santo" (Isaías 57:15). Deste modo adquire-se a clara compreensão joanina de que Ele é digno "de receber a glória, a honra e o poder", porque criou "todas as coisas" e por Sua vontade "vieram a existir e foram criadas" (Apoc. 4:11).

A serva do Senhor escreveu o seguinte a esse respeito: "O dever de adorar a Deus se baseia no fato de que Ele é o Criador, e que a Ele todos os outros seres devem a existência. E, onde quer que se apresente, na Bíblia, Seu direito à reverência e adoração, acima dos deuses dos pagãos, enumeram-se as provas de Seu poder criador." — *O Grande Conflito*, pág. 435.

A verdadeira adoração produz genuíno reconhecimento de nossa insignificância em comparação com a grandeza e majestade divinas. Nossa atitude natural na adoração deveria ser a de humilde reconhecimento.

"A verdadeira reverência para com Deus é inspirada por um sentimento de Sua infinita grandeza, e de Sua presença. Com esse sentimento do Invisível, todo coração deve ser profundamente impressionado. A hora e o lugar da oração são sagrados, porque Deus Se encontra ali, e, ao manifestar-se reverência em atitude e maneiras, o sentimento que inspira essa reverência se tornará mais profundo. 'Santo e tremendo é o Seu nome', declara o salmista. Ao proferirem esse nome, os anjos velam o rosto. Com que reverência, pois, devemos nós, caídos e pecadores, tomá-lo nos lábios!" — *Obreiros Evangélicos*, pág. 178.

A Adoração Como Companheirismo

A verdadeira adoração é companheirismo. Um companheirismo no sentido de comunhão amistosa que se realiza com Deus, em nome de Seu Filho Jesus Cristo e mediante o poder e a obra do Espírito Santo no coração. Tiago Crane afirma que "a adoração cristã é essencialmente a comunhão da alma redimida com Deus, em Cristo. É a resposta sensível e inteligente que essa alma dá à revelação que o Pai faz no Filho por meio do Espírito Santo".

Esse companheirismo implica lealdade, devoção, amor e fervor religioso

expressados pronta e espontaneamente. É completa dedicação e submissão à direção divina. É a manifestação diária de uma vida de dependência contínua e de entrega absoluta à direção e ao arbítrio de Deus.

Quando isto se efetua, verifica-se a outra fase da adoração. A "beleza da santidade", a amizade, essa bela virtude, torna-se o laço divino que une os adoradores em estreitos vínculos de comunhão ativa. A amizade, pelo valor que encerra, é frutífera onde personalidades consagradas e vidas dedicadas se unem para adorar a Deus. Quando praticarmos em nossas congregações a verdadeira adoração e o genuíno companheirismo de uma igreja consagrada, "multidões receberão a fé e unir-se-ão aos exércitos do Senhor" (*Evangelismo*, pág. 700).

"Não conseguimos a centésima parte das bênçãos que devemos obter das nossas reuniões de culto a Deus. Nossas faculdades perceptivas precisam ser aguçadas. A comunhão mútua deve encher-nos de regozijo. Com a esperança que temos, por que não há de nosso coração abrasar-se do amor de Deus?" — *Test. Seletos*, vol. 3, pág. 28.

A verdadeira comunhão com nosso próximo é o resultado de nossa comunhão com Deus.

A Adoração Como Experiência

A verdadeira adoração é uma experiência que se renova e amplia com o passar do tempo. Não é um arroubo estático, mas um crescimento diário nos caminhos e na vontade de Deus. É a experiência mais dinâmica e criadora para o homem, pois envolve toda a sua personalidade, pensamentos, emoções, vontade e força.

Além disso, mediante o reflexo de uma vida de adoração, os incrédulos podem obter um vislumbre do que é viver de maneira dedicada a Deus, recebendo assim estímulo e inspiração para eles mesmos também se entregarem a uma vida de serviço ativo no Senhor.

A Adoração Como Serviço

A verdadeira adoração é serviço. Seu propósito primário não é receber bênçãos de Deus, e, sim, prestar tributo a Ele. O salmista exorta: "Tributai ao Senhor a glória devida ao Seu nome; trazei oferendas, e entrai nos Seus átrios." Sal. 96:8. O homem deve oferecer seus dons ao Criador com fé sincera e total obediência, como nos dias de Abel e Caim (ver Heb. 11:4). O

A verdadeira adoração produz genuíno reconhecimento de nossa insignificância em comparação com a grandeza e majestade divinas.

Nossa atitude natural na adoração deveria ser a de humilde reconhecimento.

pastor e sua congregação devem oferecer "sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo" (I S. Ped. 2:5).

A verdadeira adoração é um oferecimento de nossa vida a Deus, incluindo nosso intelecto, sentimentos, atitudes e posses. As dádivas de dinheiro são consideradas por S. Paulo como "aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus" (Filip. 4:18). A expressão mais elevada do serviço como adoração é a entrega do próprio ser, a apresentação de nosso corpo "por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus" (Rom. 12:1), pois o que Deus mais deseja é nossa própria vida.

Declara Henrique Sloane Coffin: "Nós Lhe apresentamos nossos pensamentos, nossa contrição, nossas ações de graça, nossas aspirações do que desejamos para nossa vida, para nossa terra e nosso mundo. A dádiva que Ele solicita é nossa própria vida."

A verdadeira adoração não está completa com a entrega de nossa vida a Deus, visto que há uma dedicação ao serviço do homem. A congregação que adorou devidamente torna-se como uma grande rede arrojada ao grande mar da humanidade. Seus resultados se revelam nos membros da igreja, com toda a clareza, em sua relação uns com os outros e em sua relação com o mundo que os rodeia.

Comentando essa particularidade, Tiago Black escreveu: "O culto a Deus não é um fim em si mesmo, quer seja aqui ou no Céu, a menos que conduza ao culto mais agradável, de uma vida pura e uma ação harmoniosa para o bem do mundo. A igreja que adora deve ser a igreja que trabalha. É sobre os joelhos que poderá erguer-se e colocar-se de pé. O culto só se aperfeiçoa pelo trabalho."

A Inspiração declara: "Todos os que comungam com Deus encontrarão abundante trabalho a ser feito para Ele. Os que avançam com o espírito do Mestre, procurando alcançar as almas com a verdade, não considerarão a obra de conduzir as almas a Cristo como um trabalho penoso ou destituído de interesse. Foi-lhes confiada uma obra como lavradores de Deus, e serão cada vez mais vivificados à medida que se entregarem ao serviço de Deus." — *Testimonies*, vol. 9, pág. 118.

A Adoração Como Atitude

A verdadeira adoração é uma atitude. Esta se manifesta não somente nos serviços religiosos, mas também em todas as atividades da vida do crente. É ter consciência da presença de

Deus e desejar fazer Sua vontade. É saber que Deus deseja tomar posse de nossa vida para enriquecê-la e dar-lhe um sentido de maior alcance.

“Mediante essa atitude — assinala V. D. Campbell — é transformada a personalidade, aprofundando as convicções, dirigindo as emoções e os impulsos à aspiração de ser semelhante a Cristo. Deus fez o homem à Sua imagem e colocou nele o desejo de desfrutar companheirismo com seu Criador. Ele tem um plano, um propósito para cada vida, e este pode ser conhecido por meio da adoração. Deus é o grande Arquiteto, o homem é Seu coadjutor, e a adoração ajuda o homem a reconhecer sua parte e lhe confere a atitude de desejar fazer a boa vontade de Deus.”

A verdadeira comunhão com nosso próximo é o resultado de nossa comunhão com Deus.

Essa atitude se manifesta ao obter-se um vislumbre da infinita grandeza do Todo-poderoso e de Sua presença no lugar de adoração. “A ocasião e o lugar de oração são sagrados, porque Deus está ali. E ao ser a reverência manifestada em atitude e comportamento, o sentimento que a inspira será aprofundado.” — *Profetas e Reis*, págs. 48 e 49.

A devida atitude de adoração não é exclusiva do lugar de culto. Quando a adoração é genuína, isso é demonstrado em casa, no escritório, no celeiro, na oficina, na sala de aula, no campo de esportes e em todas as atividades da vida. Os efeitos da verdadeira adoração se refletem em cada ato de nossa existência. ■

Cristo — O Unigênito Filho de Deus

Qual o sentido da palavra Unigênito, usada em João 3:16? Quem traduziu a palavra grega monoguenês para unigênito — o único gerado, se esta palavra não tem esta significação? O presente artigo elucida muito bem esta questão, proporcionando ao leitor subsídios que o auxiliarão a refutar certas objeções feitas por um grupo de pessoas afeitas a distorcer a verdade a respeito de Jesus, o Filho de Deus.

Se Cristo é o eterno *λογος* preexistente, como pode ser chamado em S. João 3:16 de unigênito Filho de Deus?

A palavra controvertida neste verso, quanto ao seu real significado, é o termo grego *Μονογενής* = *monoguenês*, que necessita ser bem estudada para uma cabal compreensão do problema. *Monoguenês* foi traduzida na Versão do Rei Tiago (KJV) por unigênito, mas na Versão Standard Revisada (RSV) e na New English Bible (NEB), por único.

Pode a palavra grega *monoguenês* ser traduzida indiferentemente por unigênito e único?

Pedro Apolinário
Professor de Português, Grego, Hebraico e Crítica Textual na Faculdade Adventista de Teologia, em São Paulo. Fez o Mestrado em Línguas Bíblicas pela Andrews University.

Este problema será discutido a seguir.

Monoguenês aparece nove vezes no Novo Testamento, sendo cinco vezes usada para Cristo — S. João 1:14, 18; 3:16, 18; I S. João 4:9 e quatro vezes para outras pessoas — S. Luc. 7:12; 8:42; 9:38; Heb. 11:17. É uma palavra composta de *monos* = um, só, único, singular e *guenos* = espécie; cuja tradução correta deve ser — o único de uma espécie. Não vem do grego *γενεσθαι* = gerar, pois se viesse teria dois “nis”, mas sim de *γενεσθαι* = tornar-se.

O Filho de Deus chegou à existência humana recebendo vida de maneira diferente dos outros seres, por isso, ele é chamado de Filho Unigênito (*monoguenês*).

A palavra grega “monoguenês” pode significar único quantitativamente (filho único) e único qualitativamente (único em sua geração, nascimento singular, único na maneira de chegar a ser ou nascimento milagroso). Ver S. João 1:14, 18; 3:16.

Ele é “Filho Unigênito”, porque da Trindade, Cristo é o único que recebeu o título de Filho com poder (Rom. 1:4) e o poder de Deus (I Cor. 1:24). Seu nascimento é único em sua classe,

Artigos Gerais

porque nasceu tendo vida própria, portanto foi um milagre.

O livro *Problems in Bible Translation*, publicação da Associação Geral, na página 202, afirma o seguinte sobre esta palavra:

"Jesus Cristo, Deus preexistente, o divino Verbo criador, em Sua encarnação tornou-Se em um sentido incomparável o Filho de Deus. Por isso é que Ele é designado *monoguenês*, o único de Sua espécie, o único em muitos aspectos do Seu ser e vida!

Será que os dicionários e comentários comprovam a explicação anterior?

Lidell and Scott — único, singular;

Moulton and Milligan — literalmente — único de sua espécie, singular, não unigênito;

Arndt and Gingrich — único (no gênero) de algo que é exclusivamente de sua categoria;

H. Cremer — *Biblical Theological Lexicon* — especial preciosidade, especificamente precioso;

Theological Dictionary of the New Testament, vol. 4, pág. 739 — significa o supremo predicado da majestade, indicando a máxima prova do amor de Deus para o mundo. Somente João usa *monoguenês* para descrever a relação de Jesus com Deus. Para esta mesma relação Marcos tem: "O *huios* mu o *agapetós*" — Meu Filho amado.

Seria interessante achar em hebraico a palavra que foi traduzida na LXX por *monoguenês*, porque se amplia a nossa compreensão sobre o seu verdadeiro significado. A palavra hebraica equivalente é "Yachid". Nas passagens onde aparece, como Salmos 22:20; 35:17; Amós 8:10, ela é traduzida na KJV, NEB e Almeida Edição Revisada e Corrigida pelas expressões: minha querida, minha preciosa vida, predileta, filho único.

Em S. Luc. 7:12; 8:42 e 9:38, onde se encontra a palavra *monoguenês*, ela foi traduzida na KJV por único. Em Heb. 11:17, onde fala de Isaque, a KJV traduz por unigênito e a RSV por único. Sabemos que Isaque não era o unigênito porque tinha um irmão mais velho — Ismael — e mais tarde Abraão gerou outros filhos através de Quetura. Isaque em nenhum sentido foi filho unigênito, mas sim filho singular, o único de sua espécie, o filho da promessa, visto que Ismael estava fora da promessa (Gál. 4:22, 23). Em Gênesis 22:2, 12, no texto hebraico, está "Yachid" e na Septuaginta *Monoguenês*.

Conclusão

O estudo da palavra em sua forma

Ele é "Filho Unigênito", porque da Trindade, Cristo é o único que recebeu o título de Filho com poder (Rom. 1:4) e o poder de Deus (1 Cor. 1:24).

ção etimológica; nos bons dicionários e comentários; na comparação do hebraico e da septuaginta, nos leva a concluir indiscutivelmente que *Monoguenês* não significa unigênito, mas muito querido, o único de sua espécie. João aplicando-o a Cristo queria indicar que Ele é incomparável e muito amado.

Uma pergunta lógica e natural vem à mente de cada um. Quem traduziu *monoguenês* para unigênito — o único gerado, se a palavra não tem esta significação?

Nas primeiras versões da Bíblia para o latim este termo foi traduzido por "unicus" como nos prova o Códice Verdelence de 365 A. D.

O Papa Dâmaso pediu a São Jerônimo que revisasse as velhas versões latinas das Escrituras, porque já havia muitas variantes de leitura em alguns versos. Em 385 estava pronta a Revisão dos Evangelhos, onde São Jerônimo substituiu a palavra "unicus" por "Unigenitus" em virtude de interesse teológico e não gramatical. A frase que o influenciou parece ter sido uma célebre do Credo de Epifânio — $\sqrt{\epsilon \nu \nu} \eta \theta \epsilon \nu \tau \alpha \epsilon \eta \theta \epsilon \omicron \upsilon$ = único filho gerado de Deus o Pai. Eram necessárias duas palavras desta frase — $\sqrt{\epsilon \nu \nu} \eta \theta \epsilon \nu \tau \alpha \mu \omicron \nu \omicron \nu \epsilon \nu \eta$ — para dar a idéia de único gerado ou unigênito; mas esta expressão, aliada a outros conceitos do Concílio de Nicéia, em defesa da Trindade, levaram Jerônimo a traduzir *monoguenês*, em S. João 1:14, 18; 3:16, 18; I S. João 4:9; Heb. 11:7 por "unigenitus". Onde não houve interesse teológico ele conservou "unicus" — S. Luc. 7:12; 8:42; 9:38.

Para comprovação de uma das principais fontes de onde alguns destes conceitos foram extraídos, o leitor poderá consultar a excelente monografia: o "Único Filho de Deus", de Dale Moody.

Unigênito significa único e se é único não é criado, pois se o fosse não seria único, mas apenas mais um entre os chamados filhos de Deus pela criação.

O "unigenitus" da Vulgata influenciou os tradutores da KJV de 1611 e tem influenciado as traduções em português.

São comuns na Bíblia as expressões: "Filho de Deus" e "Filho do homem" com referência a Cristo. Sabemos que "Filho de Deus" descreve a Sua natureza divina, confirmando a Sua divindade, enquanto o "Filho do homem" comprova Sua natureza humana.

O SDABC, vol. 8, p. 1033, nos fornece mais os seguintes dados:

"O título 'Filho do homem' assegura-nos que o Filho de Deus realmente

veio viver na Terra, como um homem entre os homens, para que Ele pudesse morrer como um homem pela humanidade”.

Seria talvez interessante estabelecer as seguintes diferenças quanto à sintaxe do artigo grego com estas expressões. Sem o artigo *υιος θεου* — Filho de Deus se refere à divindade de Cristo — S. Mat. 4:3, 4; 14:33; mas com o artigo *υιος του θεου* é um título do Messias. S. Mat. 26:63; S. Mar. 3:11, 14. Processo análogo se verifica em

“Jesus Cristo, Deus preexistente, o divino Verbo criador, em Sua encarnação tornou-Se em um sentido incomparável o Filho de Deus.

υιος ανθρωπου του — um filho do homem, um homem — S. Mar. 3:28; Heb. 2:6; porém *ο υιος του ανθρωπου* — um título do Messias. S. Mat. 8:20.

Concluiremos com uma paráfrase de S. João 3:16 feita pelo pesquisador W. E. Read:

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho, Aquele que é incomparável e tão maravilhoso que ninguém o pode descrever, para que todo o que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. ■

Arqueologia Bíblica Depois de 30 Anos (1948-1978) — 1ª Parte

Palestra proferida na Universidade Andrews em 22 de outubro de 1978, ao ser dado o nome de “Siegfried H. Horn” ao Museu Arqueológico.

Em 1952 fiz um sumário das realizações da arqueologia bíblica em três preleções apresentadas na Conferência Bíblica realizada em Takoma Park, Maryland.¹ A última dessas três preleções foi dedicada à grande descoberta dos rolos, ocorrida então recentemente no deserto da Judéia, perto do Mar Morto. Essa descoberta sensacional, que se tornou conhecida ao mundo na primavera de 1948, isto é, trinta anos atrás, é portanto um ponto de partida conveniente para fazer um novo sumário do que foi realizado na imensamente excitante disciplina da arqueologia bíblica.² Pode-se dizer verdadeiramente que as descobertas efetuadas durante as três últimas décadas superam com facilidade as que ocorreram durante o século precedente, em seu impacto total sobre a melhor compreensão da Bíblia.³

Essas realizações podem ser classificadas em sete divisões: 1) A consolidação da cronologia antiga; 2) a descoberta de textos referentes à história da escrita; 3) a descoberta de textos antigos que lançaram luz sobre vários períodos da história bíblica; 4) a descoberta de antigos manuscritos bíblicos; 5) o sensacional achado dos textos de Ebla, da época pré-patriarcal; 6) a es-

Dr. Siegfried H. Horn.

cavação de cidades-chave na Terra Santa, com alguns resultados notáveis; e 7) descobertas que têm especial relação com o Novo Testamento. Nas páginas que se seguirão procurarei fazer uma breve sinopse dessas diversas descobertas e realizações e avaliá-las com respeito a seu impacto sobre o estudo da Bíblia. As notas adicionais, com seu auxílio bibliográfico, ajudarão o leitor a obter informações mais pormenorizadas quanto a certos aspectos em que possa estar especialmente interessado.

1. Cronologia Antiga

Em 1948 fora alcançada certa estabilização no esquema cronológico da história do antigo Oriente Próximo. As descobertas de sincronismos em Ur e Mari, de listas de reis sumerianos e de textos astronômicos no Egito e na Mesopotâmia haviam causado pelo menos três mudanças radicais em nossa compreensão da cronologia antiga, cada uma das quais resultou na redução das datas para as mais antigas dinastias históricas, tanto no Egito como na Mesopotâmia. Deste modo as datas do início da história egípcia haviam nesse tempo sido reduzidas do sétimo milênio antes de Cristo para cerca de 3000 A.C., embora ainda não fosse bem claro se a data inicial para a Primeira Dinastia deveria ser 3100, segundo pensavam muitos egiptólogos, ou 300 anos mais tar-

**Artigos
Gerais**

de, conforme alegavam outros. A mesma situação de um consenso quase unânime fora alcançada no tocante à marcação das datas para o início da história mesopotâmica, com diferenças entre os eruditos que eram mais ou menos da mesma amplitude que no setor da cronologia egípcia. Outrossim, os problemas da cronologia da história do Velho Testamento no período dos reis hebreus haviam sido finalmente solucionados pelo trabalho de E. R. Thiele,⁵ embora o seu esquema cronológico ainda não fosse universalmente aceito em 1948.⁶

Durante as três últimas décadas, não houve descobertas surpreendentes que nos obrigassem a reduzir ou a alongar o esquema cronológico que fora estabelecido por volta de 1948. No entanto, importantes descobertas que ocorreram desde então consolidaram os resultados alcançados há trinta anos.

Em primeiro lugar, cumpre mencionar o método do Carbono 14 para datar antigos materiais orgânicos, o qual foi descoberto em Baltimore, no ano de 1947, e desenvolvido por W. F. Libby, da Universidade de Chicago. Depois de alguns anos de experimentação, durante os quais teve de ser alterado o suposto semiperíodo de desintegração radioativa, esse método atingiu razoável grau de exatidão para a medição dos períodos históricos de tempos antigos,⁷ segundo tenha sido possível aferir os resultados por materiais que podem ser datados, como objetos de madeira contendo inscrições procedentes do Egito, bem como pelas sequóias e certa espécie de pinheiro, cuja idade pode ser determinada pela contagem de seus anéis.⁸

O impacto do cômputo de datas pelo Carbono 14 sobre nosso conhecimento de culturas que não deixaram registros históricos é consideravelmente maior do que o que ele causou sobre a história de civilizações antigas, como as do Egito e da Mesopotâmia. Por exemplo, durante os últimos trinta anos, verificou-se que a origem das ruínas de Zimbabue, na Rodésia, para as quais as estimativas atribuíam uma variação que ia de 1000 A.C. até 1000 A.D., deu-se por volta de 300 A.D., segundo o método do Carbono 14. Também foram datadas as épocas das diversas culturas antigas da Europa e da América — uma realização que há algumas décadas ninguém julgava possível.

Além disso, a descoberta de uma nova lista de reis assírios (A Lista SDAS de Reis Assírios) por este autor em 1953 e a subsequente publicação des-

Pode-se dizer verdadeiramente que as descobertas efetuadas durante as três últimas décadas superam com facilidade as que ocorreram durante o século precedente, em seu impacto total sobre a melhor compreensão da Bíblia.

sa lista bem como da Lista dos Reis de Khorsabad, encontrada vinte anos antes mas ainda não publicada, confirmou a cronologia mesopotâmica do segundo e primeiro milênios antes de Cristo, segundo fora estabelecida antes de 1948, preenchendo lacunas que ainda existiam nos esquemas cronológicos.⁹ O resultado de tudo isso é que as incertezas no tocante às datas mesopotâmicas não importam em mais de 65 anos para o segundo milênio A.C., e que as datas para o primeiro milênio são praticamente certas.

Esse processo de consolidação também ocorreu com respeito à cronologia do antigo Egito. Em 1945 foi publicado um importante estudo por meu antecessor, Lynn H. Wood, o qual pela primeira vez estabeleceu uma data absolutamente fixa na cronologia egípcia do segundo milênio A.C. — o início da Duodécima Dinastia em 1991.¹⁰ Em 1950 Ricardo Parker publicou um abalizado estudo sobre os sistemas de calendário egípcio e sobre problemas cronológicos, no qual ele resolveu muitos pontos obscuros da cronologia egípcia e confirmou a data 1991 A.C. para o início da Duodécima Dinastia do Egito.¹¹ Desde então a cronologia dos reis dessa dinastia tem sido um esquema inatacável. Alguns outros períodos da cronologia egípcia não se acham tão bem estabelecidos. É agora virtualmente certo que a Primeira Dinastia começou no trigésimo primeiro século A.C. Importa afirmar, porém, que com exceção da Duodécima e da Vigésima Sexta Dinastias, todas as datas na antiga história egípcia são um tanto indefinidas. Para alguns reis a incerteza importa em algumas décadas, ao passo que para outros é de apenas alguns anos. De um modo geral, pode-se dizer que o esquema da cronologia egípcia em 1948 resistiu à prova dos últimos trinta anos.¹²

A publicação em 1953 de papiros aramaicos encontrados mais de meio século antes, em Elephantine, Egito, mas ocultados até 1947 num baú, em um armazém de Nova Iorque, contribuiu de maneira muito auspiciosa para solucionar enigmas cronológicos. Pela primeira vez eles proporcionaram clara informação sobre o calendário judaico do período posterior ao exílio babilônico, e forneceram provas de que estavam certos os eruditos que haviam asseverado, com base em determinados textos bíblicos, que os judeus datavam os anos do reinado dos monarcas babilônios ou persas de acordo com o seu próprio calendário, que começava no outono, em contraste com o calen-

dário babilônico-persa, que começava na primavera.¹³

Outras descobertas, tais como a crônica de Babilônia que abrange diversos anos do reinado de Nabucodonosor, dirimiram dúvidas acerca de datas relacionadas com os últimos anos dos reis de Judá. Ao mesmo tempo, essa crônica também proveu pela primeira vez uma data exata para uma ocorrência da história bíblica — o dia, mês e ano da queda de Jerusalém no tempo do rei Joaquim: 15/16 de março de 597 A.C.¹⁴ Não mais se pode dizer que os últimos anos da história do reino de Judá estão envoltos em mistério, pelo que diz respeito a informações de fontes não bíblicas.

Concluindo esta parte sobre as realizações no tocante à cronologia antiga, durante o período considerado, podemos dizer que esse período foi deveras compensador para os que se interessam em assuntos cronológicos. No início desse período ouvia-se freqüentemente a pergunta: Quantas modificações radicais ainda haverá na cronologia antiga, antes que se atinja a estabilização? Muitos eruditos bem versados, incluindo W. F. Albright, estavam convictos em 1948 de que já se atingira a estabilização,¹⁵ e sua fé foi plenamente confirmada ao verem com satisfação como uma nova descoberta após a outra corroborou, em maior ou menor grau, os resultados obtidos no âmbito da cronologia antiga. Quase todas as descobertas pertinentes feitas depois de 1948 têm confirmado as datas estabelecidas antes desse ano, ou só as têm modificado um pouco para diante ou para trás. O resultado é que hoje a maioria das datas antigas estão estabelecidas, e onde ainda há incertezas, a margem de erro é tolerável. A não ser para o começo da história egípcia e mesopotâmica, onde ainda é necessário fazer uma "concessão" de um século a mais ou a menos, o limite da incerteza não é maior do que alguns anos, ou, em muitos casos, do que um ou dois anos. Esta é uma consecução muitíssimo gratificante que possibilitou reconstruir a história antiga de modo que seja atingido tal grau de exatidão como jamais no passado.¹⁶

2. História da Escrita

A história da escrita era bem conhecida trinta anos atrás. O século dezenove testemunhou a bem sucedida decifração dos hieróglifos egípcios e da escrita cuneiforme dos sumérios, que também foi adotada por outras nações, como os assírios, babilônios e hititas. Durante a primeira metade do século vinte

Durante as três últimas décadas, não houve descobertas surpreendentes que nos obrigassem a reduzir ou a alongar o esquema cronológico que fora estabelecido por volta de 1948.

foram decifradas duas escritas alfabéticas desconhecidas: primeiro a escrita proto-sinaítica hieroglífica, por Alan Gardiner, em 1915,¹⁷ e depois a escrita cuneiforme ugarítica, por Hans Bauer e Edouard Dhorme, em 1930.¹⁸ Essas realizações provaram o erro dos eruditos que haviam asseverado que não existira nenhum sistema de escrita alfabética antes do primeiro milênio A.C. — um ponto de vista partilhado amplamente até a Primeira Guerra Mundial, por eruditos bíblicos liberais.

Durante as três últimas décadas, prosseguiu a obra de decifrar escritas desconhecidas. Cumpre mencionar primeiro a decifração do sistema de escrita hieroglífica hitita, com a ajuda das inscrições bilingües descobertas em Karatepe, no Sul da Turquia, em 1947,¹⁹ e da escrita Minóica Linear B, em 1952, pelo brilhante e jovem arquiteto Michael Ventris, que faleceu quatro anos mais tarde, num acidente automobilístico.²⁰ Conquanto esses triunfos no setor da escrita tenham apenas importância marginal para os estudos da Bíblia, eles abriram novas perspectivas em nossa compreensão do mundo antigo.

De muito maior importância em nosso setor de interesse é o progresso feito no âmbito da paleografia semítico-ocidental, a ciência de datar antigos documentos escritos em aramaico, fenício, hebraico e línguas correlatas, com base na forma da escrita usada. Embora a paleografia grega se houvesse tornado uma disciplina digna de confiança para avaliar acuradamente manuscritos gregos sem data, com uma margem de erro de apenas alguns anos, a datação de manuscritos hebraicos sem data era um tanto sujeita a conjeturas de sábios.

(*Continua*)

1. Publicado em *Our Firm Foundation*, vol. 1, págs. 61-116.

2. Estou bem ciente do fato de que muitos arqueólogos palestinos não apreciam que os trabalhos arqueológicos levados a efeito no Oriente Próximo, em geral, e na Terra Santa, em particular, recebam a designação de arqueologia bíblica. Entretanto, ninguém negará que grande parte das descobertas efetuadas em regiões relacionadas com a Bíblia têm muito que ver com esse Livro. Que os cristãos estão interessados nessa obra que lança luz sobre a Bíblia é demonstrado pelo êxito de tais periódicos como *Biblical Archaeologist* e *Biblical Archaeology Review*, bem como de muitos livros que contêm nomes semelhantes.

3. Isto é uma adaptação de uma declaração feita por W. F. Albright em 1952, no tocante ao progresso que houve no âmbito da arqueologia bíblica durante quase duas décadas que decorreram entre a publicação de seu livro *The Archaeology of Palestine and the Bible* e de seu artigo: "A Bíblia Depois de Vinte Anos de Arqueologia", inserido em *Religion in Life* 21 (1952): 537.

4. Ver os artigos de Albright: "Modificação Radical na Cronologia da Ásia Ocidental Antiga", *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* (donavante citado como BASOR) 69 (fev. de 1938): 18-21; "A Cronologia da Ásia Ocidental Antes de 1500 A.C.", BASOR 77 (fev. de 1940): 25-30; "Terceira Revisão da Cronologia Primitiva da Ásia Ocidental", BASOR 88 (dez. de 1942): 28-36; cp. também com meus artigos: "Uma Modificação Radical na Cronologia Primitiva da Ásia Ocidental", *Ministry* 30: 6 (junho de

1957): 4-8; "Uma Modificação Radical na Cronologia Primitiva do Egito", *Ministry* 32:6 (junho de 1959): 29-33.

5. "A Cronologia dos Reis de Judá e Israel", *Journal of Near Eastern Studies* (doravante citado como *JNES*) 3 (1944): 137-186. Este trabalho foi publicado posteriormente em forma ampliada, sob o título: *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* (Chicago, 1951, ed. rev., Grand Rapids, Mich., 1965), e *A Chronology of the Hebrew Kings* (Grand Rapids, Mich., 1977).

6. Ver por exemplo "A Cronologia da Monarquia Dividida de Israel", Albright, em *BASOR* 100 (dez. de 1945): 16-22.

7. A literatura profissional sobre a fixação de datas pelo Carbono 14 é tão imensa que só um especialista pode orientar-se em seus meandros. Ver o artigo popular de L. J. Briggs e K. Weaver: "Quão Velho É?", *National Geographic* 114 (agosto de 1958): 234-255.

8. Ver o artigo de E. Schulmann: "Bristlecone Pine, Oldest Known Living Thing", *National Geographic* 113 (março de 1958): 354-372; C. W. Ferguson: "Bristlecone Pine", *Science* 159 (1968): 839-846; C. Renfrew: "A Europa Antiga É Mais Velha do que Pensávamos", *National Geographic* 152 (nov. de 1977): 614-623.

9. I. J. Gelb, "Duas Listas de Reis Assírios", *JNES* 13 (1954): 209-230; Benno Landsberger, "Assyrische Königsliste und 'Dunkles Zeitalter'", *Journal of Cuneiform Studies* 8 (1954): 32-45, 47-73, 106-133.

10. "O Pairo Kahun e a Data da Duodécima Dinastia", *BASOR* 99 (out. de 1945): 5-9.

Outras descobertas, tais como a crônica de Babilônia que abrange diversos anos do reinado de Nabucodonosor, dirimiram dúvidas acerca de datas relacionadas com os últimos anos dos reis de Judá.

11. *The Calendars of Ancient Egypt* (Chicago, 1950), pág. 69.

12. Para uma análise conveniente do grau de fidedignidade das datas egípcias, ver meus comentários sobre a obra de E. Hornung: *Untersuchungen zur Chronologie und Geschichte des Neuen Reiches* (Wiesbaden, 1964), em *JNES* 25 (1966): 280-283.

13. Emil G. Kraelin, *The Brooklyn Museum Aramaic Papyri* (New Haven, Conn., 1953); Horn e Wood, *The Chronology of Ezra 7* (Washington, 1953, ed. rev. em 1970); Horn e Wood, "O Calendário Judaico do Quinto Século em Elefantine", *JNES* 13 (1954): 1-20.

14. D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldaean Kings* (Londres, 1956), pág. 33.

15. Albright, "A Bíblia Depois de Vinte Anos", pág. 538.

16. Ver as tabelas cronológicas publicadas recentemente na terceira edição dos volumes 1 e 2 de *The Cambridge Ancient History* (Cambridge, 1970-1975), vol. 1, parte 2, págs. 994-1003; vol. 2, parte 1, págs. 819-823, vol. 2 parte 2, págs. 1038-1045.

17. Alan H. Gardiner, "A Origem Egípcia do Alfabeto Semítico", *Journal of Egyptian Archaeology* 3 (1916): 1-16. Muitos eruditos têm desde então trabalhado nas inscrições proto-sinaíticas, algumas das quais foram descobertas no Sinai, outras na Palestina.

18. Ver Maurice Pope, *The Story of Archaeological Decipherment* (Nova Iorque, 1975), págs. 117-122.

19. *Idem*, págs. 136-145.

20. *Idem*, págs. 159-179; ver também John Chadwick, *The Decipherment of Linear B* (Nova Iorque, 1958).

"Sei em Quem Tenho Crido"

"Sei em quem tenho crido" foi a confissão de fé de Paulo. Foram estas também as últimas palavras pronunciadas por Ellen G. White. Ao deixar nossas tarefas à frente da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana e a responsabilidade da direção de *O Ministério Adventista*, queremos também tornar nossas essas palavras.

Passaram-se nove anos desde o dia em que a Comissão da Divisão nos estendeu o chamado para assumir essas responsabilidades. Estávamos à frente da Associação Ministerial da União Incaica, onde havíamos passado seis anos. Ao relembra-los esses 15 anos, somente temos recordações de companheirismo, total apoio, compreensão e, apesar das muitas limitações, grandíssimas satisfações ao ver centenas de almas ganhas para Cristo e Sua verdade.

Alguns aspectos de nossas tarefas nos preocuparam, e dedicamos a elas especial atenção. Entre essas tarefas podemos mencionar a evangelização, a entrada em áreas ainda obscuras, a coordenação de planos e programas dos diversos departamentos em favor de um aumento da colheita da sementeira por eles realizada, e, de modo muito especial, tratar de prestigiar, elevar, apoiar e estimular o herói anônimo da Igreja Adventista: o pastor local. Cremos que foi possível alcançar algo neste sentido.

RUBÉN PEREYRA

Desde janeiro de 1978 estamos com um plano intensivo de estudos na Universidade Andrews, onde permaneceremos, com a ajuda de Deus, até junho de 1980, quando esperamos completar os requisitos para obter o Doutorado em Ministério. Aceitamos o convite que nos estendeu o Colégio Adventista do Chile para exercer a docência nessa instituição, antes da graduação. Nós o aceitamos — não sem uma luta interior — porque a tarefa será em certo sentido similar à da Associação Ministerial. Cremos que a formação de futuros ministros é um trabalho sacratíssimo. Também teremos a oportunidade de continuar nas lides evangelísticas dirigindo campanhas de evangelização com a colaboração dos alunos. A terceira razão é que isso nos dá a oportunidade de continuar os estudos mais avançados na Andrews.

Causou-nos grande alegria saber que o Pastor Salim Japas ocupará o lugar que deixamos. Além de um grande amigo, o Pastor Japas tem sido uma inspiração para nosso ministério e uma fonte constante de idéias para uma evangelização mais eficaz. Se acrescentarmos a isso a permanência de outro grande amigo, o Pastor José C. Bessa, como associado na Associação Ministerial da Divisão, teremos a certeza de que a evangelização e o trabalho de assistência aos

pastores chegarão a alturas não vistas no passado.

Ao mesmo tempo que saudamos os Pastores Japas e Bessa, asseguramos-lhes nossas constantes orações, suplicando que o "Príncipe dos pastores" lhes conceda graça, sabedoria e energia de acordo com as exigências da tarefa e do tempo.

Consignamos aqui nossa gratidão e saudação a todo o ministério da América do Sul e a todos os leitores com

quem temos estado em contato através de *O Ministério Adventista*, não somente em nossa Divisão mas também na América Central, Europa e África. Fazemos especial menção da administração da Divisão Sul-Americana, das Uniões e dos Campos que nos tornaram a tarefa mais amena e agradável. Despedimo-nos de todos com a frase que lançamos como parte do plano de 1974 e que se estendeu por toda a América do Sul: CRISTO VEM, PRE-PARA-TE. ■■

União Chilena

A União Chilena tem sua sede em Santiago, Chile. Este é um país com cerca de dez milhões de habitantes que falam o castelhano e de ascendência principalmente européia, embora restem algumas tribos indígenas na parte Sul do país.

Esta União possui 30.557 membros, 129 igrejas, 149 obreiros evangélicos, 162 professores e 28 colportores, o que dá um total de 339 obreiros.

O Chile por muitos anos fez parte da União Austral. Depois foi organizado como União-Missão. Seus presidentes têm sido: D. K. Sullivan, Gastón Clouzet, Glenn Maxzon, Alfredo Aeschlimann (interino) e Werner Mayr, filho do pioneiro Hans Mayr, iniciador da obra no Amazonas, e que exerceu as funções de pastor de igreja, departamental nas Uniões Chilena e Incaica, e atualmente é o presidente da União Chilena.

A União tem três Campos locais com seus respectivos presidentes: Associação Central do Chile: Eliel Almonte Vyhmeister; Associação Sul do Chile: Siegfried Mayr; Missão Norte do Chile: Pedro Geli.

EDUCAÇÃO: A principal instituição é o Colégio Adventista do Chile, que tem 850 alunos e cujo diretor é o Pastor Henrique Becerra. O colégio goza de sólido prestígio e sempre se caracterizou pela transmissão de uma boa educação cristã. Um novo colégio com internato foi aberto na zona de Los Angeles, graças à visão do Pastor Augusto Bacigalupi e a generosa ajuda da Agên-

cia Alemã Para o Desenvolvimento. Além disso, há três ginásios situados nas cidades de Concepción, Santiago e Temuco.

OBRA MÉDICA: Está sendo construída uma instituição médica.

OUTRAS INSTITUIÇÕES: Em Santiago do Chile funciona uma sucursal da Casa Editora Sudamericana, que imprime folhetos e se encarrega de importar livros.

Em Chillán há uma fábrica da Companhia de Alimentos da Divisão.

A instituição mais forte e com maior prestígio é a OFASA, que tem diversos convênios com o governo e ministérios. Atualmente está colaborando na nutrição de umas duzentas mil crianças.

EVANGELISMO: Muitos se têm preparado como evangelistas, e a maioria deles estão labutando em outros países. A conquista de almas é uma tarefa importante em todo o Chile. O evangelismo atualmente é realizado pelos pastores e sobretudo por um grande programa de evangelização pelos obreiros voluntários.

O programa "La Voz de la Esperanza" é transmitido por 39 emissoras e a Escola Radiopostal tem 3.649 alunos ativos.

PERSPECTIVAS: A obra no Chile está crescendo rapidamente. Goza de grande prestígio entre as autoridades e os meios de difusão. O povo chileno é religioso e os membros de nossas igrejas estão conscientes de seu dever de terminar a obra. ■

**Conheçamos
as Uniões**